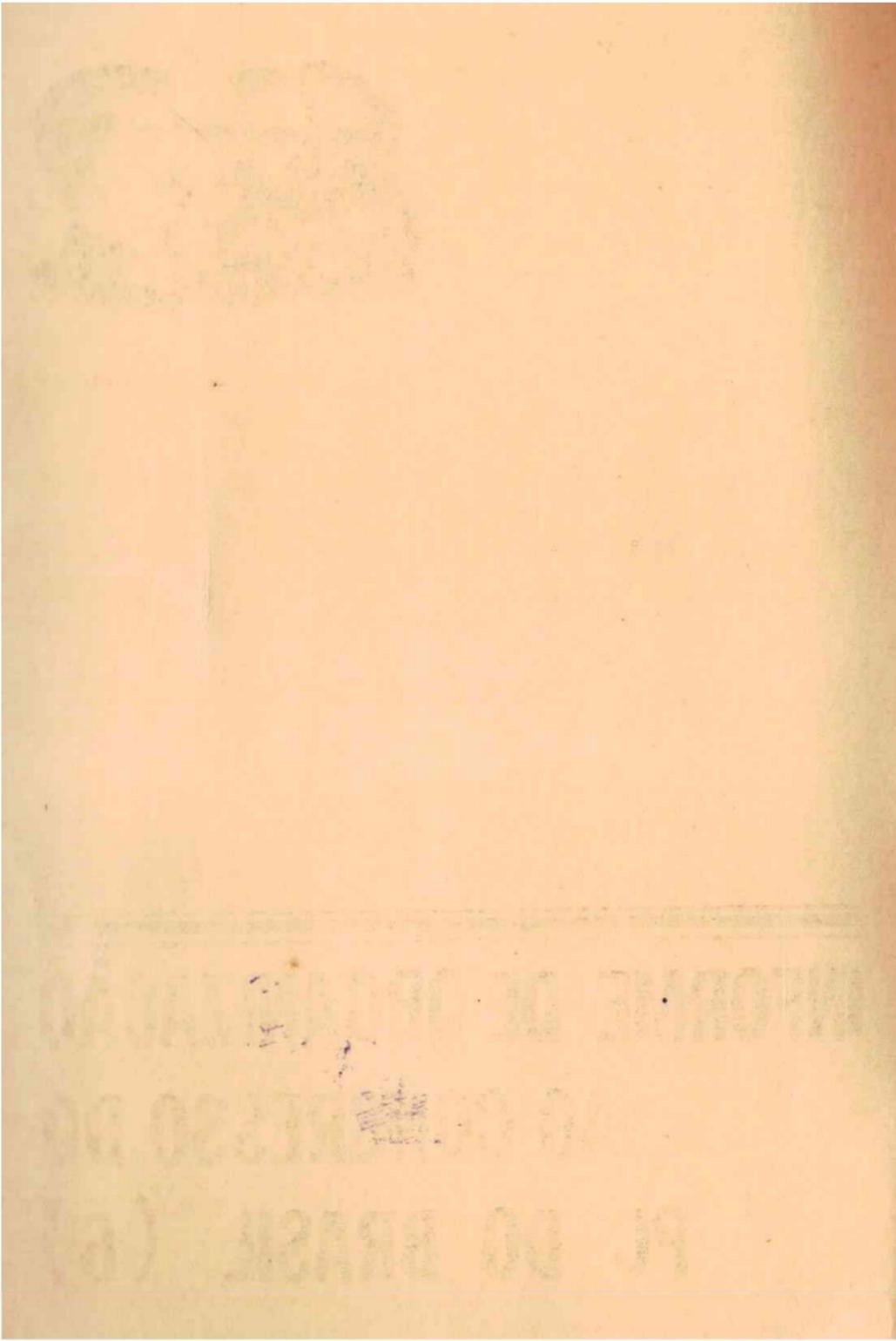




**INFORME DE ORGANIZAÇÃO
AO CONGRESSO DO
PC DO BRASIL (6º)**



**Informe de Organização
aprovado na assembléia final
do Congresso do PC do Brasil (6º)**

- 1283 -



Forme da Organização

Procedo na Assembleia Geral

o Congresso do PC do Brasil

1985

ACELERADO
ORGANIZADO
ABRIL 1985
1985

A POLÍTICA DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

BIBLIOTECA

Rosa Luxemburgo

Carlos Alberto N. de Andrade

Nº. REG. _____

LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
ART AND HISTORY
OF THE
CITY OF
NEW YORK

Camaradas

Vivemos um momento de ampliação da influência política do Partido, de expansão e consolidação de suas fileiras. Nessas circunstâncias ganha especial relevo a necessidade de resolver corretamente os problemas organizativos que enfrentamos.

As questões de organização não são secundárias para a concretização da linha e da tática partidárias. Stálin dizia que uma vez decidida a linha e a orientação, o fator decisivo passa a ser a organização para o seu cumprimento com êxito.

A política de organização fundamenta-se nos princípios leninistas que são aplicados tendo em conta a realidade concreta. A organização serve à aplicação da linha em uma situação política e social dada. Mudanças mais ou menos profundas na situação política e na correlação de forças podem determinar alterações nas formas de organização, nos métodos de trabalho, de direção, etc..

Atualmente estamos ultrapassando o período do fascismo. As lutas das massas populares e dos setores democráticos vão conquistando cada vez mais espaço para a ação política. No entanto, a liberdade a que o povo aspira e necessita para desenvolver em plenitude suas lutas, ainda está por ser conquistada. Essa liberdade não é nem pode ser dádiva dos dominantes, não é conquistada de golpe e de uma única vez. Alcançá-la é todo um processo de acumulação de forças, de avanços e recuos, de ações ofensivas e defensivas até que o grau de organização e radicalização das massas possibilite a derrubada da di-

tadura e a conquista da mais ampla liberdade política. Vivemos, portanto num momento de transição: saímos do fascismo mais negro mas não nos livramos do regime militar.

Um dos importantes aspectos da atual situação é o avanço das lutas das massas populares e das forças democráticas. As classes trabalhadoras da cidade e do campo procuram unificar em um programa comum as suas lutas pela melhoria das suas condições econômicas e sociais, bem como para a conquista de uma série de direitos sindicais e políticos. Visam igualmente encontrar a forma de unificação orgânica em âmbito local, estadual e nacional para coordenar a ação de suas entidades representativas. Importante passo nesse sentido foi dado com a realização no ano passado da CONCLAT, a constituição da pró-CUT e a convocação do Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras para agosto deste ano. A realização em janeiro do corrente ano do Congresso Nacional das Associações de Moradores representou importante iniciativa no caminho da unidade das amplas massas populares urbanas. As greves nacionais realizadas por professores, médicos e estudantes e as greves parciais de proletários e de outros setores nos indicam a possibilidade de unir também em escala nacional a luta das classes trabalhadoras. Os estudantes universitários e mais recentemente os secundaristas reorganizam as suas entidades de âmbito local, estadual e nacional e têm travado lutas que abarcam todo o país. O movimento democrático combate a política reacionária dos militares no poder, exigindo o fim do regime militar, a ampliação dos efeitos da anistia, eleições limpas e democráticas, a revogação das leis de exceção ainda em vigor, modificações democráticas no Estatuto dos Estrangeiros, medidas contra o terror, etc.; o Movimento Contra a

Carestia já conta com uma coordenação de suas ações a nível nacional.

Vemos, portanto, a amplitude e profundidade que vão adquirindo as lutas das massas. É nesse contexto que o nosso Partido atua e dele decorrem os problemas organizativos que devemos resolver.

Tem crescido o Partido nos últimos anos. Já não se trata de dirigir e orientar pequenos agrupamentos partidários, mas sim uma complexa organização estruturada em todos os Estados, com centenas de células e inúmeros organismos intermediários.

É preciso dar solução aos novos problemas orgânicos que se nos apresentam para se conseguir mais eficiência na atividade partidária, facilitar seu crescimento, impulsionar sua estruturação em bases leninistas, ajudar a forjar o principal instrumento de combate da classe operária e das massas populares. Impõe-se uma orientação acertada, que se pode exprimir nos seguintes pontos:

PARA CUMPRIR SUA MISSÃO, O PARTIDO DEVE SER ORGANICAMENTE FORTE E NUMERICAMENTE GRANDE. PRECISA ESTAR PRESENTE NOS CENTROS VITAIS DA LUTA DE CLASSES. RECRUTAR OS MAIS VALOROSOS E ATIVOS COMBATENTES DO MOVIMENTO OPERÁRIO E POPULAR. DESENVOLVER AMPLA E INTENSA ATIVIDADE DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA.

O Brasil é um país com amplo território e população de mais de 120 milhões de habitantes. Para realizar seu papel de força de vanguarda e dirigente da revolução social, o Partido necessita estar fortemente estruturado em escala nacional o que exige vasta rede de células e Comitês em todos os Estados e Territórios.

Tal objetivo só atingiremos tendo um numeroso contingente de militantes. Se bem que o Partido esteja organizado em escala nacional, o que é um grande êxito, seu contingente numérico ainda está muito aquém das possibilidades e das necessidades do momento político que vivemos e das tarefas que devem ser enfrentadas pelos comunistas.

Se tomarmos como referência os 3 últimos anos, constatamos a rápida intensificação da luta de classes e a sua radicalização. Lutas e conflitos eclodem por toda a parte. São ainda, na maioria das vezes, lutas espontâneas: econômicas, sociais e políticas. No entanto, nos dão os indicadores seguros do estado de espírito das massas, seu inconformismo com a situação vigente e a disposição de transformá-la radicalmente.

É preciso construir organizações partidárias ali onde

estão as massas oprimidas e exploradas, fundamentalmente as massas proletárias da cidade e do campo.

Precisamos superar rapidamente, onde ainda perdure, o espírito de círculos estreitos, pois, além de ser este um fator de atraso no processo revolucionário, é uma concepção elitista e sectária de partido. Cada militante, das organizações de base às direções em todos os níveis, deve ter a preocupação permanente de fazer crescer as fileiras partidárias e implantar o Partido onde ele ainda não esteja organizado.

Para que o Partido possa implantar-se nos centros vitais da luta de classes é necessário que recrutemos milhares de novos militantes que trazem sangue novo, aumentam o grau de combatividade e fortalecem nossas organizações. O Partido deve abrir suas portas e organizar em suas fileiras os novos e valorosos combatentes, audazes e experimentados líderes de massas que estão surgindo nas lutas. O ingresso no Partido num curto período de tempo de centenas de novos militantes com essas características, é uma comprovação prática da correção e viabilidade dessa orientação.

Uma política de recrutamento na atual situação deve ser ousada, criteriosa, paciente. Ousada na medida em que devemos levar o Partido a todos combatentes do movimento operário, popular e democrático, e mostrar-lhes que para darem consequência à sua prática, para obterem vitórias definitivas e conclusivas na luta que travam, necessitam de fazê-lo de forma organizada e revolucionária, e isto se faz nas fileiras do Partido.

Criteriosa, porque durante o recrutamento devemos observar o candidato de vários pontos de vista, na sua seriedade e engajamento na luta, sua disponibilidade para travar as batalhas concretas que a vida coloca, a capacidade de relacio-

namento com a massa sem utilizá-la oportunisticamente e sem transformá-la num fetiche.

Paciente, pois é dentro do Partido que o militante se forma, e ao ser recrutado ele deve ter em potencial as qualidades de um comunista, e na vida partidária, na militância irá desenvolvendo essas potencialidades e se transformando ideologicamente.

Nos Estados e Municípios onde as direções têm aplicado esta orientação o Partido não só tem multiplicado os seus efetivos como tem aumentado sua presença política e sua inserção no movimento real, exercendo, dessa forma, importante papel na condução das lutas econômicas e políticas das massas.

O recrutamento, para ser eficaz, deve ser planejado e controlado. Não pode ser fruto do acaso ou ser realizado só em campanhas de ampliação do Partido. É uma tarefa permanente, cotidiana, um dever estatutário de todo militante.

Precisamos construir o Partido não apenas onde se "pode", mas sim, fundamentalmente, onde se deve. Este precisa ser o eixo principal do recrutamento e da implantação de novas bases e organismos partidários. Uma correta política de construção do Partido deve indicar claramente, em cada Região, Estado ou Município, quais os centros principais em que o Partido precisa estar construído. Para tanto, deve definir com precisão as concentrações proletárias urbanas e rurais, as concentrações de camponeses pobres e médios, as grandes concentrações populares, os principais centros estudantis, universitários e secundaristas.

Ao abordar as tarefas de crescimento e ampliação da organização partidária devemos ter bem presente a resolução da VIIª Conferência Nacional do Partido que indicou a neces-

sidade de concentrar o recrutamento entre o proletariado urbano e rural, bem como a prioridade da sua construção nas empresas, principalmente nas maiores. A experiência da luta de classes em escala mundial e do movimento comunista internacional já comprovou cientificamente que é na grande empresa que existem as melhores condições para a assimilação pelos operários da consciência socialista.

Lênin, em "Um passo adiante, dois passos atrás", tratando da importância do trabalho do Partido entre a classe e de sua implantação nas fábricas, escreveu: "Precisamente a fábrica, que para alguns se apresenta como bicho-papão, representa forma superior de cooperação capitalista que unificou e disciplinou o proletariado, que lhe ensinou a organizar-se e o colocou na vanguarda de todos os demais setores da população trabalhadora e exploradora".

A construção do Partido nas empresas deve obedecer a um plano concreto. Cada comitê do Partido deve fazer um estudo objetivo de sua área de atuação, examinar onde se encontram as grandes concentrações industriais, quais as categorias profissionais ali existentes, cadastrar cada empresa pelo número de operários, grau de combatividade e participação nas lutas de classes e tradição do trabalho partidário. A partir desses dados orientar o esforço para a construção de organizações de base ou Comitês do Partido em cada uma dessas empresas.

O acima exposto para as grandes concentrações industriais urbanas é igualmente válido para as grandes concentrações de assalariados agrícolas. No presente, dadas as modificações estruturais na produção agrícola do país, com a grande penetração capitalista no campo, principalmente nos Estados tradicionalmente produtores rurais, a conseqüente ruína do

pequeno e médio camponês e o aumento do número de assalariados agrícolas, criaram-se condições ainda mais favoráveis ao trabalho do Partido no campo.

Apesar do crescimento e ampliação do Partido, pequena foi e continua sendo a nossa implantação no campo e mesmo nas principais cidades do interior. Na maioria dos Estados somos ainda um Partido da capital. A falta de implantação do Partido em vastas áreas do interior revela a incompreensão do papel que o campo representa para a revolução brasileira. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, com vasta população interiorana, com agudas contradições sociais no campo e o grau de exploração e miséria a que estão submetidas as populações das pequenas e médias cidades do interior, a falta de implantação do Partido nessas áreas representa, sem dúvida, fator de atraso para a revolução. Os esforços desenvolvidos para a construção do Partido no campo e nas cidades do interior, por alguns Comitês Regionais e pelo Comitê Central, sempre deram frutos positivos, o que demonstra que não só é necessária como possível a estruturação do Partido nessas regiões.

O Partido Comunista do Brasil é, por seus princípios e objetivos um *partido de classe*, do proletariado. Ao Partido, no entanto, acorrem pessoas de outras origens e estratos sociais. Isso é inevitável em uma sociedade dividida em classes antagônicas e submetida à dominação imperialista. As contradições principais da sociedade brasileira atuam sobre todas as camadas de trabalhadores e sobre amplos setores da pequena-burguesia, deslocando-os para o campo revolucionário-proletário. Na atual etapa da revolução brasileira essas camadas recebem

influência do proletariado e são reservas da revolução, cabendo ao Partido saber mobilizá-las e dirigí-las.

Dessas camadas e setores, os seus elementos mais destacados e avançados almejam uma transformação radical da sociedade e muitos são os que passam a adotar as posições do proletariado revolucionário. O Partido, destacamento organizado e vanguarda da classe operária, deve receber em suas fileiras esses camaradas, organizá-los e dar-lhes perspectiva revolucionária-proletária.

Assim agindo, o Partido não somente estará reforçando as suas fileiras com valorosos e combativos militantes revolucionários como igualmente estará ampliando a sua influência em outros setores e estratos sociais, melhorando, portanto, as condições de exercer a sua hegemonia no processo revolucionário. Devemos recrutar para as nossas fileiras, além dos operários, os mais avançados e destacados combatentes oriundos do movimento camponês, dos setores populares, das camadas trabalhadoras não proletárias, do movimento estudantil, da intelectualidade progressista e democrática, etc.

A história do movimento proletário internacional e do nosso próprio Partido tem demonstrado sobejamente que desses setores sempre surgem heróicos e abnegados lutadores que, assimilando a doutrina e a ideologia do proletariado, se transformam em bons combatentes da revolução. A visão "obreirista" do Partido nada tem a ver com a correta concepção proletária, é estreita, sectária, leva, em última instância, ao isolamento do proletariado. Uma vez no Partido, os camaradas de estratos não proletários devem se esforçar para assimilar a ideologia do proletariado, combatendo todas as manifestações

de concepções e práticas próprias das classes e camadas sociais de onde provêm.

O principal fator para o recrutamento de novos militantes é sem dúvida a nossa prática política no movimento de massas, e igualmente a difusão e propaganda de nossas idéias. As amplas massas precisam conhecer quais as soluções que o Partido aponta para os problemas fundamentais do povo e da Nação. É preciso também difundir o socialismo como a doutrina científica da revolução proletária. Lênin nos ensina que as grandes idéias só se transformam em força material quando aceitas e assimiladas pelas amplas massas. Por isso, o trabalho de agitação e propaganda deve ser uma tarefa permanente das organizações do Partido em todos os níveis e não apenas uma ação esporádica em momentos de maior movimentação de massas.

O trabalho de agitação e propaganda, sendo uma tarefa permanente, não pode ser apenas um trabalho doutrinário, esquemático, desligado dos problemas candentes e diários que afetam as massas. Deve pelo contrário, abordar de forma viva e atual todas as questões intimamente ligadas à vida da população, contribuindo dessa forma para aprofundar o seu conhecimento das causas e conseqüências da política anti-nacional e anti-popular dos militares no poder, e das soluções concretas para os problemas que enfrenta. Só assim teremos uma agitação e propaganda voltadas para as massas de milhões, imprescindível para que as massas, sobre a base de sua própria experiência, compreendam suas tarefas revolucionárias e transformem a teoria revolucionária em revolução.

REFORÇAR A COMPOSIÇÃO OPERÁRIA DO EFETIVO PARTIDÁRIO E DE SUA DIREÇÃO.

Stálin definiu o Partido como sendo o destacamento de vanguarda, a organização superior, centralizada, o Estado-Maior do proletariado na luta pela transformação revolucionária da sociedade, pela construção do socialismo e do comunismo. Esta formulação define o caráter de classe do Partido, orienta sua política organizativa e define sua composição social.

Marx, no "Manifesto Comunista", demonstrou cientificamente que a história deu ao proletariado uma missão, uma grandiosa tarefa, a de coveiro do capitalismo. Para cumprí-la necessita de seu Partido. O Partido é, por conseguinte, instrumento da revolução proletária. Desta forma, a questão da composição social das fileiras partidárias não é uma questão secundária, formal. Ela reflete sempre o grau de ligação do Partido com a classe, da vanguarda com o todo.

Evidentemente, o caráter de classe do Partido, a sua fidelidade ao marxismo-leninismo não pode ser medida apenas pela porcentagem de operários que militam em suas fileiras. Partidos existem no mundo em que os operários são a maioria absoluta de seus membros e nem por isso são proletários, como alguns partidos revisionistas e social-democratas da Europa, em particular o Partido Trabalhista Inglês. O caráter de classe do Partido reflete-se na sua linha programática, na tática revolucionária que aplica tendo por base os interesses vitais do proletariado, na sua formação ideológica e, também, na sua

composição social.

Melhorar a composição social do Partido é, hoje, não somente uma questão de princípio organizativo, mas até uma imposição do peso específico do proletariado no conjunto das classes e camadas da população brasileira. O proletariado urbano e o rural somam mais de 12 milhões de pessoas. Isto significa objetivamente que não é somente a força dirigente da revolução mas seu principal contingente numérico.

Tem, portanto, plena razão a VIIª Conferência Nacional ao afirmar que "o Partido assegura sua condição de partido proletário não só pela sua ideologia marxista-leninista e sua política revolucionária conseqüente, mas também *pela sua composição operária*" (o grito é nosso). Esta diretiva permanece completamente atual.

O balanço da aplicação dessa resolução da VIIª Conferência é altamente positivo. Centenas de novos militantes operários passaram a engrossar as nossas fileiras. Alguns Comitês Municipais de Estados de maior concentração proletária já contam com maioria operária entre os seus membros.

O fato de, hoje, no Partido prevalecerem numericamente os camaradas de origem não proletária se deve, principalmente, a fatores objetivos que influíram neste sentido. Evidentemente também influíram fatores subjetivos. Em muitos lugares não se fez o esforço necessário para atrair os operários às fileiras partidárias. Os militares no poder, para poderem aplicar sua política anti-nacional e anti-popular, baseada fundamentalmente na super-exploração da classe operária, exerceram sobre esta um rígido e irrestrito controle. Nas fábricas ampliaram os serviços internos de segurança que atuam em conexão com os DEOPS e os DOI-CODIS. Manifestações de protesto e lutas

mesmo pelas reivindicações mais simples eram respondidas com a dispensa de grande número de operários e a prisão dos que haviam se destacado, à frente de boa parte dos sindicatos estavam pelegos e interventores que atuavam em estreita colaboração com a polícia. Nesse período, em decorrência das dificuldades da luta em defesa de seus interesses nas fábricas e sindicatos, objetivamente, as lutas tiveram maior desenvolvimento na periferia.

Mesmo em condições tão adversas, o Partido nunca deixou de estar presente junto à classe operária, nela recrutando novos militantes. Sem dúvida, recrutou-se o que houve de melhor e os mais combativos opositores à ditadura fascista. Dezenas desses camaradas deram sua vida pela revolução e pela causa do proletariado.

Esses aspectos positivos não alteram, porém, o fato de ter havido certa mudança na composição social do Partido durante esse período.

Outra é a situação que vivemos no presente, particularmente quando a classe operária se eleva no quadro da luta de classe, transformando-se no pólo principal da luta contra a ditadura. Nos últimos dois anos e meio, milhões de operários entraram em greve por todo o país. Passeatas, comícios, manifestações, choques com a polícia vêm marcando a luta do proletariado. Nos sindicatos a corrente mais combativa e conseqüente, vem ganhando terreno. Pelegos têm sido afastados nas direções sindicais e as intervenções ministeriais não se consolidam. Nas assembléias sindicais novas e combativas lideranças estão surgindo, sendo inúmeros os comunistas que ganham projeção como dirigentes de massas. No campo, a par da luta dos posseiros e camponeses pobres e médios, os assalariados

agrícolas-proletários rurais vem marcando sua presença nas lutas, algumas de grande envergadura como a greve dos canavieiros em Pernambuco, o dissídio de 1,2 milhões de assalariados agrícolas do Paraná e a greve dos cortadores de cana do Estado do Rio de Janeiro. Vários sindicatos rurais ganham nova vida e dinamismo com a maior presença e a direção dos assalariados agrícolas.

Dessa forma, hoje, os comunistas têm um amplo campo de ação na própria classe. Aí, portanto, deve ser concentrado o nosso trabalho de construção do Partido. Nada pode justificar a falta de recrutamento de proletários urbanos e rurais, principalmente nos Estados mais desenvolvidos do ponto de vista capitalista. Só uma visão defensiva ou equivocada do momento político que atravessamos ou do caráter de classe do Partido impede que melhoremos a composição social de nossas fileiras.

Melhorar a composição social do Partido e de suas direções não pode ser uma tarefa encarada de maneira formal e burocrática, deve ser aplicada com energia e decisão. A promoção de quadros de origem operária para responsabilidade de dirigentes partidários deve representar a consequência prática e um vigoroso incentivo ao nosso trabalho político e ideológico junto à classe.

A melhora de composição social do Partido precisa estender-se a todos os escalões da estrutura partidária, das organizações de base aos comitês de todos os níveis. Promover quadros de origem operária para os órgãos de direção, contribuirá para formá-los como marxistas-leninistas, é uma garantia da continuidade da direção proletária no Partido.

A resolução de março de 1980 do Comitê Central indica de modo preciso a necessidade da alteração da composição

social dos efetivos partidários e dos organismos dirigentes. Colocou a melhoria dessa composição como uma das premissas à realização do Congresso. A resolução do C.C. vem sendo aplicada com relativo êxito em algumas regiões do país. Entretanto, é ainda insuficientemente cumprida pelo conjunto do Partido.

A composição social das nossas fileiras deve refletir o esforço do Partido em ampliar os laços com a classe. O operário comunista, quando consciente e formado na luta, revela toda a potencialidade do proletariado como classe, garante ao Partido a sua cor vermelha e, nos momentos dos mais duros embates do processo revolucionário, será a garantia mais segura de que o Partido ocupe a trincheira certa.

A formação e consolidação dos quadros de origem operária depara com dificuldades objetivas, fruto da política de dominação da burguesia: atraso cultural, visão parcial e deformada do mundo, ceticismo em relação à sua própria classe e à capacidade de direção do proletariado, falta de hábito de leitura e do estudo de materiais políticos, etc. São problemas reais que exigem esforço, tenacidade e planificação para serem superados. Os quadros de origem operária devem ser ajudados pelo coletivo e pelos camaradas mais experientes. Não devem ser removidos de função ou tarefa às primeiras dificuldades que apresentarem. Uma correta política de formação e promoção de quadros é a de ir dando responsabilidades a cada um de acordo com suas possibilidades iniciais e aumentá-las na medida em que avança seu conhecimento e compreensão.

UM PARTIDO DE AÇÃO POLITICA REVOLUCIONÁRIA DE MASSAS, VOLTADO PARA AS AMPLAS MASSAS.

A revolução é obra de milhões.

Em qualquer circunstância política este princípio revolucionário é válido. Evidentemente, nas condições de violenta repressão política, de fascismo, a ação de massas pode ficar mais restrita, mas a atividade dos comunistas não perde essa perspectiva. Atuam visando sempre abrir espaço político para as amplas ações de massas. Na história recente do Brasil, a orientação e a atividade do Partido comprovam esta afirmação.

No momento presente, em que as massas, através de suas lutas, vão ganhando terreno para suas ações, quando se agravam as contradições sociais e a tendência é para lutas cada vez mais amplas, nada pode justificar a estreiteza e o sectarismo na ação partidária. Tal atitude representa não apenas miopia política, mas incompreensão da linha e da orientação tática do Partido. Representa ainda uma concepção de Partido estranha aos interesses do proletariado e das massas oprimidas. É uma manifestação clara da concepção de Partido como seita, como grupo fechado, que se basta a si mesmo, uma concepção elitista que menospreza a massa, considera a política e as coisas da revolução como da competência apenas de um pequeno grupo de "iluminados", altamente capacitados, que tem opinião e solução para todos problemas, mas que se torna inofensivo e estéril em política, pois jamais se atira à ação, ou quando intervêm no movimento real, o faz de forma sectária, dogmática e doutrinária, isolando-se das massas.

Dimitrov, no Informe apresentado ao VII Congresso Internacional Comunista em 1935, assim estigmatizou os sectários e dogmáticos: "Na atual situação, é o sectarismo, o sectarismo *pleno de bazófia*, como o qualificamos no projeto de resolução, que entrava em primeiro lugar a nossa luta pela realização da frente-única — o sectarismo satisfeito com o seu espírito *doutrinador tacanho*, com o seu isolamento da vida real das massas, contente com os seus *métodos simplificados* de solução dos mais complexos problemas do movimento operário sobre a base de esquemas estereotipados — o sectarismo que aspira à onisciência e julga supérfluo meter-se na escola das massas, de assimilar as lições do movimento operário. Numa palavra, o sectarismo que, como se costuma dizer, de nada duvida. O sectarismo pleno de bazófia *não pode nem quer* compreender que a direção da classe operária pelo Partido comunista não se obtém automaticamente. O papel dirigente do Partido Comunista nas batalhas da classe operária deve ser conquistado. Para isto, não se trata de declamar sobre o papel dirigente dos comunistas, mas de efetuar um trabalho de massas cotidiano e dentro de uma política justa, *de merecer, de conquistar a confiança das massas operárias*. Isto é apenas possível se nós, comunistas, considerarmos seriamente no nosso trabalho político o nível real de consciência de classe das massas, do seu *grau* de maturação revolucionária; se apreciarmos de forma sã a situação concreta, não sobre a base dos nossos desejos, mas sobre a base da realidade. Devemos facilitar paciente e passo a passo às grandes massas a sua passagem para as posições do comunismo. Não deveremos nunca esquecer as palavras de Lênin quando nos advertia com toda a energia, que se tratava "precisamente em não acreditar que aquilo que

se encontra ultrapassado *para nós*, está também ultrapassado *para toda uma classe*, para as massas”.

E, mais adiante, continuava Dimitrov: “O sectarismo exprime-se em *particular* pela superestimação da maturação revolucionária das massas, pela superestimação do ritmo com que elas abandonam as posições do reformismo, pelas tentativas de ultrapassar as etapas difíceis e de prosseguir as tarefas complicadas do movimento. Os métodos de direção das massas eram freqüentemente substituídos, na prática, pelos métodos de direção de um pequeno grupo de Partido. (...) Desconhecia-se a necessidade de dirigir uma luta obstinada no mais profundo das massas, a fim de lhes conquistar a confiança; desdenhava-se a luta pelas reivindicações parciais dos operários, bem como o trabalho nos Sindicatos reformistas e nas organizações fascistas de massas. Substituíam-se freqüentemente a política de frente única por apelos sem futuro de uma propaganda abstrata” (os grifos são de Dimitrov).

Essa atitude sectária e elitista, onde ainda não foi superada, tem dificultado o crescimento do Partido e a sua ação de massas. Tem causado graves prejuízos à consolidação do Partido como força de vanguarda e nos levado a derrotas eleitorais em algumas entidades de massas, particularmente no movimento estudantil.

No entanto, não só o sectário causa prejuízos à ação do Partido. Outra tendência igualmente nociva que por vezes alguns camaradas têm manifestado é a do “basismo” ou o seguidismo em relação à massa.

Nos últimos anos, por influência da Igreja católica e, mais recentemente difundida pelo PT tem havido ampla difusão da idéia de que são as massas que decidem tudo. O “basis-

mo" ou o seguidismo ao penetrar no Partido significa objetivamente rebaixar o papel de vanguarda revolucionária de nossa organização, e tem significado na prática subordinar os interesses gerais do proletariado e das massas ao nível mais atrasado das mesmas.

O Partido deve, na sua ação permanente junto às massas, auscultá-las, ouvir suas aspirações e reivindicações. Levar em conta o seu nível de organização e consciência. Mas o Partido não é um simples prolongamento das entidades de massas. O militante comunista não se confunde com um "assistente social" que se esforça por resolver — dentro do regime e do sistema em vigor — os problemas mais superficiais das massas. O comunista é acima de tudo um militante de vanguarda, um elemento consciente que participa das lutas no nível em que ela se coloca, mas se esforça para elevá-las sem artificialismos e sectarismos, para dessa forma fazer avançar a consciência das massas.

De grande importância para que o Partido possa ter a direção política das massas é a participação dos comunistas nas diretorias das entidades que as representam e congregam.

Nessas entidades os comunistas devem atuar organizadamente. Se nelas temos influência ou contamos com a sua diretoria devemos formar uma fração composta com os membros do Partido que a elas pertençam. As frações podem ser constituídas também com os comunistas que atuam nas entidades de massas sem pertencerem às suas diretorias. Quando muito numerosa, indicam uma comissão coordenadora. As frações se subordinam diretamente ao organismo de direção do Partido responsável pela área em que a entidade atua. As frações não se confundem com as organizações de base. Os membros do Partido que pertencerem a uma fração não se desligam de sua

organização de base que é o órgão dirigente partidário. A fração serve para facilitar a aplicação da orientação específica do Partido numa determinada entidade de massas.

As normas de organização têm grande importância na ligação do Partido com a massa, mas por si só não decidem tudo. A organização serve à política e não o contrário. A nossa ligação com as amplas massas depende de dois fatores: o político e o organizativo. As organizações partidárias devem estudar e conhecer profundamente a área em que atuam. Elaboram planos concretos para a aplicação da orientação geral do Partido na área de sua responsabilidade e esforçam-se para ser verdadeiramente os centros de direção da atividade reivindicativa e política das massas em sua correspondente base territorial.

Grande importância para a mobilização e organização de amplas massas sob a direção do Partido têm também as entidades que congregam a juventude, as mulheres, e a intelectualidade, etc. O Partido em cada local deve dar atenção à organização e mobilização destes segmentos das massas. São parcelas da população que jogam importante papel no processo revolucionário. Não se preocupar com tais organizações significa deixá-las sob a influência da burguesia ou da pequena-burguesia. A disputa entre as distintas classes para dirigí-las é acirrada e permanente. Os comunistas devem envidar todos os esforços para encontrar formas amplas de organizar as massas ao mesmo tempo que garantir-lhes segura orientação política. Estas formas de organização de massas, quando dirigidas pelo Partido, são importantes correias de transmissão que nos vinculam com as amplas massas e nos permitem mobilizá-las para as lutas do proletariado e do povo contra os seus inimigos.

LEVAR O CENTRO DE GRAVIDADE DO PARTIDO PARA AS ORGANIZAÇÕES E OS COMITÊS DE BASE E TRANSFORMÁ-LOS EM CENTROS DE AÇÃO POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA DE MASSAS.

Situar o centro de gravidade da vida orgânica e da atividade do Partido é importante problema, cuja correta solução contribui para fazer avançar ou para emperrar a atividade partidária, facilitando ou dificultando a rápida e pronta resposta política aos problemas que a luta de classes coloca a cada momento.

No período do fascismo, da mais cruel violência política, os núcleos dirigentes do Partido — Comitês Municipais e Regionais — exerceram muitas vezes o papel de orientadores, planejadores e executores das diretrizes políticas que cabiam às Organizações de base. Isso correspondeu a uma situação concreta em que a violência da repressão impedia uma ligação mais estreita das direções com as bases e destas com as massas.

Não é esta a situação que hoje atravessamos. É verdade que nosso povo ainda não conquistou a liberdade que necessita para exercer a sua livre ação política, em particular o proletariado. O seu Partido ainda é obrigado a viver e atuar na clandestinidade. Entretanto, o espaço político que já foi conquistado pelas lutas das massas permite uma atuação mais ampla e maior presença política de nosso Partido.

Analisando este aspecto da vida e da atuação partidária, a VIIª Conferência Nacional indicou com precisão:

“Recomenda-se, como tarefa importante, levar o centro de gravidade do Partido para as organizações e os comitês de base, garantia da maior segurança na atividade partidária e fator para o desenvolvimento das organizações do Partido”.

Cada OB do Partido é o núcleo básico da sua ação política — não é o último dos organismos — mas o seu alicerce, as estacas que penetram profundamente no movimento real. Deve ser o pólo captador de todo descontentamento da massa, de suas aspirações fundamentais e, baseando-se na linha e na tática do Partido, elaborar os seus planos de ação política específica.

São as organizações de base que estão em contato permanente com as massas na área de sua ação política. São os elos de ligação do Partido como um todo com cada segmento concreto da população. Quando atuam corretamente e possuem sólidos vínculos com as massas, as idéias e diretivas do Partido se materializam em ações que ajudam a avançar e elevar a consciência das massas e a fazer crescer a influência do Partido.

A acumulação de força revolucionária do proletariado é fruto em extensão do amadurecimento de sua consciência revolucionária e também de centenas ou milhares de pequenas e grandes batalhas em que as massas vão adquirindo experiência própria, evoluindo em suas formas de organização e de luta, ganhando confiança nas próprias forças, preparando-se dessa forma para os grandes enfrentamentos com seus inimigos e opressores.

A organização de Base, por sua vinculação estreita com as massas em seu local de atuação, tem as melhores condições de conhecer objetivamente a realidade concreta, intervir

no movimento real e apoiando-se no que há de mais avançado e combativo dirigir as lutas, adotando justas palavras-de-ordem, formas adequadas de ação e estabelecendo claros objetivos a serem atingidos. Cabe a ela a difícil arte de saber o momento de avançar e de recuar organizadamente, conquistando a confiança da massa na sua condução política.

Os Estatutos do Partido definem claramente os princípios organizativos que, corretamente aplicados, conduzem o Partido para a ação política de massas. O elemento norteador, desses princípios indica que os comunistas devem organizar-se aí onde estão as massas com as quais devem atuar.

O modo como estão estruturadas as OBs. do Partido define bem a política organizativa e a perspectiva da ação de massas do Partido em cada local. Se os comunistas estão estruturados de acordo com os Estatutos, nas empresas, no local de moradia ou na escola, aí está definido o seu campo de ação. A sua atividade política tem de estar voltada *em primeiro lugar* para a massa do local em que se situa e, secundariamente, para outros setores e locais, dependendo das tarefas que o momento político coloque para o Partido. A fim de que isto seja possível devemos evitar que tomem caráter permanente as chamadas bases mistas — de camaradas que trabalham em várias empresas, que moram em bairros diferentes ou de escolas ou cursos diversos, etc.

Quando o número de militantes é muito pequeno, ou se inicia a implantação do Partido em uma área ou empresa, às vezes necessitamos estruturar OBs. com camaradas de várias empresas, bairros ou escolas. Mas esta é uma situação provisória, transitória até que cada camarada recrute novos militantes

em seu local principal de atuação e as OBs. passem a obedecer rigorosamente a estrutura estatutária.

No fundamental, o nosso Partido está estruturado de acordo com os Estatutos, mas ainda persistem em certos locais estruturas não corretas. O próprio crescimento e ampliação do Partido às vezes exige a formação de bases mistas. Isto em si não é errado se se der a estas bases realmente caráter provisório. O grave é que existem OBs. com militantes de distintos setores há muitos meses e até há alguns anos sem que seus militantes se esforcem para recrutar novos membros para o Partido, de forma a superar a fase da organização mista.

Tal sistema organizativo pode permitir o desenvolvimento de práticas oportunistas de ação política. Se o militante está "isolado", está sozinho num determinado local, e não atua junto às massas, passa a atuar nos chamados "movimentos gerais", na prática fica sempre tendo uma atividade que não cria raízes, nem se vincula profundamente com as massas de um determinado setor. Na atuação nos bairros, existem OBs. formadas por camaradas de distintos setores, em geral camaradas intelectuais ou profissionais liberais e até bancários que vão atuar em um bairro popular. Sua atividade é razoável. Mas se negam a trabalhar nos setores em que exercem sua atividade profissional o que os impedem de estabelecer estreitos vínculos com a massa nesses setores deixando-os à mercê de correntes oportunistas ou revisionistas.

Nas Faculdades ou escolas de grau médio é de certa forma comum termos OBs. formadas por camaradas de distintas escolas ou cursos. Alguns desses camaradas conseguem ser eleitos para as entidades de massas, os DA's, DCE's, ou Grêmios, o que não é ruim. O negativo é que nessas circunstâncias se

desligam inteiramente do trabalho concreto nas escolas ou cursos, atuando só na entidade geral. Dessa forma, não recrutam novos militantes nem formam OB onde estudam. Há camaradas que, militando há anos no Partido fizeram pouco ou nenhum recrutamento, demonstrando assim incorreta compreensão do Partido.

Tais formas de organização e práticas políticas não contribuem para que o Partido possa se transformar em verdadeiro dirigente das amplas massas; levam ao cupulismo e à política de bastidores, isolam o Partido, obstruindo o seu crescimento.

A fim de que a OB possa cumprir a contento sua responsabilidade é preciso que tenha permanente vida política coletiva. O pleno da OB deve ser o instrumento e o centro de todas as decisões políticas de seus militantes. Devemos ter método só adotar decisões políticas mais importantes nas reuniões dos organismos. Cada militante do Partido deve ser educado a ter na sua OB a principal forma de organização partidária. A OB é o próprio Partido, destacamento de vanguarda, forma superior de organização no local em que atua a qual cabe dirigir e orientar as organizações de massas.

Para isto, a OB não deve ser apenas o organismo onde o militante recebe as tarefas a executar. Deve ser uma organização dinâmica na qual cada camarada debate livremente suas opiniões, estuda a teoria revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo, os documentos e a orientação do Partido. Onde enfim se forma como comunista consciente, dirigente revolucionário do proletariado. Portanto, as reuniões das OBs. devem ser regulares, objetivas e vivas. Desta forma a OB será, sem dúvida, o centro de gravidade que nucleará o que de mais

avançado, combativo e consciente houver num determinado setor da sociedade.

Importante tarefa da OB é o recrutamento de novos militantes. No fundamental são as OBs. as responsáveis pelo recrutamento de novos militantes. Atuando junto à massa, participando das ações da luta de classes, os comunistas tem o dever de detectar os elementos mais combativos da massa, os mais audazes no trabalho de mobilização, os mais seguros nos momentos difíceis. Compete às OBs. travar com eles debates políticos, expor-lhes a alternativa marxista-leninista do Partido e recrutá-los. O recrutamento feito pela base em geral mostra-se mais seguro, pois é consequência natural da ação política e de um processo de vivência com as massas.

Cada militante do Partido e em particular os camaradas dirigentes dos organismos intermediários precisam ter bem presente que, com o crescimento da dinâmica da luta de classes, as ações vão se tornando mais numerosas e complexas. Se não se adotam métodos corretos de direção, apoiando-se fundamentalmente nos Comitês e organizações de base, o Partido acaba funcionando como um Partido de ativistas mobilizados em torno apenas de campanhas com prejuízos do trabalho essencial junto à massa de cada empresa, bairro ou escola e do próprio sistema de estruturação partidária.

A vida orgânica da OB é a condição fundamental para sua consolidação e para a formação de cada um de seus militantes: Sem vida coletiva não se educa o verdadeiro comunista, o revolucionário proletário.

É tradicional no Partido a subestimação pela vida regular das OBs. Já em 1951, o camarada João Amazonas, em artigo publicado na revista "PROBLEMAS" afirmava: "O Partido não

está realizando suas tarefas fundamentalmente através dos seus organismos de base, não está atuando suficientemente nas empresas e junto às massas. O que atua em geral são as direções intermediárias — os Comitês Distritais nas grandes cidades e os Comitês Municipais no interior — apoiados em grupos de ativistas” (.....) “O Partido ainda vive em função de campanhas e não há atividade permanente das células. Além disso o nível político dos nossos organismos de base é baixíssimo e pouco se diferencia do nível político das massas”. “Em consequência dessa pouca vida celular em nosso Partido, — disse o camarada Amazonas — ocorre a não ativação de um grande número de membros do Partido, que vivem soltos, sem nada fazer, elementos que só poderão ser enquadrados no trabalho pela atividade permanente das células. Isto importa não apenas numa imensa perda de efetivos para o nosso Partido, mas também na falta de recrutamento e recuperação de militantes para as nossas fileiras, pois é através das células, especialmente das empresas, que se multiplicam as forças do Partido”. Esta subestimação ainda presente precisa ser definitivamente superada, pois provoca graves distorções na ação partidária e na militância de cada membro do Partido.

Aparentemente, é mais fácil apoiar-se num grupo de ativistas do que mobilizar o conjunto dos organismos partidários. No entanto, isto é altamente prejudicial à vida orgânica, atrofia os organismos e desloca o militante da atividade em sua célula. Assim agindo, não se formam quadros com capacidade de comando partidário e de massas, pois sua ação sempre fica no geral e se dificulta a consolidação do militante, pois na prática esvazia a finalidade da OB ou do organismo intermediário e dificulta a integração do Partido com as massas. Também

assim gera-se o estilo caudilhesco de direção e de militância e não se contribui para a formação ideológica proletária do militante. Uma vez que os organismos de base não comandam nem orientam a ação de seus membros, também não podem exercer o controle das atividades nem praticar constantemente a crítica e a autocrítica. A ligação do militante ao organismo passa a ser, deste modo, formal, abstrata. A subestimação da base do Partido e a sua desmobilização são práticas pequeno-burguesas que nada têm a ver com a concepção leninista de Partido.

Sem dúvida, a ação conjunta de militantes e ativistas, sobretudo em certos tipos de campanhas é indispensável. Mas essa ação conjunta deve ser coordenada com as organizações de base às quais os militantes devem igualmente prestar contas.

MELHORAR OS MÉTODOS DE DIREÇÃO. FORMAR DIREÇÕES INTERMEDIÁRIAS ESTÁVEIS, DIRIGENTES DE CÉLULAS CAPACITADOS. APLICAR UMA CORRETA POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE QUADROS, DESENVOLVER A CRÍTICA A AUTO-CRÍTICA E APLICAR CORRETAMENTE O CENTRALISMO-DEMOCRÁTICO.

Os métodos e estilo de trabalho, particularmente das direções, têm grande influência e peso no crescimento, consolidação e mobilização dos efetivos partidários.

Sendo o Partido o destacamento de vanguarda política do proletariado, sua atividade é fundamentalmente política. O partido luta pelas reivindicações específicas e gerais das massas como forma importante e necessária para sua organização e mobilização por objetivos imediatos, mas visa ganhá-las neste processo para a transformação radical da sociedade. Este o sentido da orientação proletário-revolucionária do P.C. do Brasil.

Sob esse aspecto a questão da direção e da qualidade dos dirigentes partidários tem papel destacado. O dirigente do Partido deve compreender acima de tudo que a sua principal tarefa é política, ajudar a resolver os problemas que a vida apresenta para a ampla mobilização revolucionária das massas, e fazer avançar a revolução. Isso exige que se esforce de forma permanente para dominar cada vez mais profundamente a linha do Partido, o marxismo-leninismo e a realidade concreta em que vai atuar.

O bom dirigente do Partido não é apenas aquele que cumpre todas as tarefas, o homem de ação. Esta é qualidade

necessária na sua militância, mas não é tudo. Impõe-se também a necessidade do pensamento político, do estudo sistemático dos problemas, do espírito atento à realidade concreta, do combate ao dogmatismo e ao subjetivismo, aliado ao espírito prático para resolver os problemas que se apresentam.

As direções em seu relacionamento com os organismos e militantes na área de sua atuação devem esforçar-se para fundamentar politicamente cada orientação que transmitirem, dar argumentos que convençam o Partido a fim de que este possa transmití-la às massas de forma igualmente esclarecedora.

Se os dirigentes e militantes não dominarem politicamente o momento que vivemos e a linha do Partido, podem ficar à margem do processo da luta de classes. Certas transformações exigem resposta imediata do Partido e cada um, tenha a responsabilidade que tiver, deve estar capacitado a agir de forma que corresponda aos interesses do desenvolvimento da situação.

Se as direções adotarem o método de dirigir o Partido só por "orientações práticas" e "tarefas concretas", nos momentos de grande agitação popular, terão grandes dificuldades de pôr em ação as forças partidárias, pois cada militante estará esperando a sua orientação, a sua tarefa, e, num Partido de milhares, dezenas de milhares de membros, como chegar a todos ao mesmo tempo?

Os órgãos dirigentes do Partido, das direções das OBs, aos Comitês Regionais, devem tratar, cada um na área de sua atuação, de todas as questões internas e da vida orgânica: recrutamento, onde construir o Partido, formação política e ideológica dos militantes, cursos, arrecadação de finanças, infra-estrutura para reuniões, imprensa, biblioteca, etc.

Quanto mais vai crescendo o Partido, ampliando-se o número de militantes, de OBs. e de áreas em que está implantado, mais complexa vai ficando a sua estrutura orgânica. Organismos intermediários devem ir sendo estruturados na medida das necessidades, evitando-se, no entanto, todo artificialismo na criação destes organismos. As direções intermediárias são elo de ligação das direções superiores com as bases. São organismos imprescindíveis para a rápida e eficaz mobilização dos efetivos partidários na ação política e nas batalhas de classes. Jogam importante papel na implantação do Partido onde se faz necessário, pois com um campo de ação e visão mais amplo das necessidades políticas do Partido podem orientar concretamente o recrutamento e a construção de OBs. nos centros mais importantes para o desenvolvimento da ação política de massas.

As direções intermediárias são também escolas de formação de quadros e de dirigentes capacitados para a consolidação da estrutura partidária. A formação dos militantes e quadros partidários é um processo complexo e permanente que exige uma ativa participação na luta de classes, estudo constante da doutrina marxista-leninista e dos documentos do Partido, bem como o aprimoramento na formação ideológica de cada um. Vivemos numa sociedade capitalista em que a ideologia predominante é a burguesa. Nessas circunstâncias o Partido recebe permanentemente influência negativa do meio em que atua. Para avançar e se consolidar o Partido precisa combater e superar as idéias estranhas à ideologia proletária que nele penetram.

Os quadros são o principal patrimônio do Partido. Quanto mais crescer o Partido mais importante se torna a questão dos quadros, caso contrário o Partido pode se transformar em um agrupamento caótico, anárquico. O quadro se forma nos

duros embates da luta de classes, na dedicação sem limites à revolução e ao Partido e no esforço permanente para dominar o marxismo-leninismo e a linha do Partido. A sua formação é um trabalho paciente, perseverante e constante, que não se pode fazer da noite para o dia. Também não surge por geração espontânea. Lênin, em sua "Carta a um camarada" diz: "O Comitê deve esforçar-se para realizar a mais completa divisão de trabalho possível, lembrando-se que para os vários aspectos do trabalho revolucionário são necessárias diferentes capacidades. Algumas vezes, pessoas completamente incapazes como organizadoras podem ser excelentes agitadoras, ou outras incapazes para uma severíssima disciplina conspirativa, serem excelentes propagandistas, etc."

A formação político-teórica dos quadros e militantes é imprescindível para a consolidação do Partido. Lênin afirmava que "sem teoria revolucionária, não há ação revolucionária".

É antiga em nosso Partido a subestimação pelo estudo da teoria, do marxismo-leninismo. Mesmo os documentos do Partido são, na maioria das vezes, lidos rapidamente e deixados de lado. Poucos são os que os estudam e procuram deles extrair todas as orientações práticas para a sua ação política.

Esta subestimação pelo estudo teórico, que já era grande no período de relativa liberdade política, foi enormemente agravada pelas condições objetivas que vivemos nestes anos de ditadura militar, em particular no período do fascismo. Durante longo período os documentos do Partido e as obras marxistas-leninistas tinham uma circulação muito restrita. Poucas foram editadas e em pequenas quantidades. Desse modo, a formação teórica dos quadros e militantes viu-se duplamente dificultada. Acresce-se a isso o fato de que a política repressiva

dos militares, ao impedir pela violência as lutas das massas, dificultou em certo grau a formação de novas gerações de combatentes revolucionários.

O desprezo pela preparação teórica e o estudo, a apolo-gia "daquele que faz" sem muitas vezes saber porque e para que, leva ao ativismo, a mesma política de quadros onde se exalta a ação pela ação e parte-se na política organizativa para a atividade de grupo.

O nosso Partido se diferencia de todas as demais organi-zações porque não visa apenas pequenas reformas superficiais na sociedade, mas sim, a sua transformação radical, visa o socia-lismo e o comunismo. Essa revolução profunda não se alcança só com desejos e atividade prática. Para tanto é preciso domi-nar a teoria científica do proletariado — o marxismo-leninis-mo. É necessário dominar as leis objetivas da revolução, conhe-cer a fundo a realidade brasileira e as contradições de classe dela decorrentes. Esse domínio, estimulado e ajudado pelas direções superiores, depende em grande parte do esforço pes-soal dos quadros e militantes.

A formação teórica dos quadros e militantes não é tarefa secundária. É condição básica para uma correta ação político-revolucionária. O estudo do marxismo-leninismo e dos docu-mentos do Partido precisa ser organizado permanentemente em cada organismo, através de um plano de estudo individual e coletivo e do controle de sua execução.

Cada organismo deve esforçar-se para formar uma biblio-teca básica, com livros marxistas-leninistas e documentos do Partido para consulta e estudo. As direções superiores têm a obrigação de organizar cursos de capacitação teórica para

aprofundar os conhecimentos essenciais que os militantes adquirem nas organizações de base.

A crítica e a auto-crítica têm grande importância na formação dos quadros. É preciso que no Partido se desenvolva corretamente o processo de crítica e auto-crítica no combate aos erros e concepções anti-proletárias. Esse deve ser um processo constante e normal, visando fortalecer o Partido e igualmente os militantes. A crítica não é um acerto de contas pessoal ou coletivo, mas sim um debate fraternal entre camaradas. Tampouco deve realizar-se fora dos organismos.

Deve haver sempre espírito aberto para as críticas. Quando um militante ou um organismo sente-se inibido para criticar é porque as coisas vão mal. Aí não existe uma relação comunista e sim concepção anti-proletária, autoritária, mandonista. A crítica sempre deve ser responsável, apontar o erro, mas também a solução para o mesmo, evitando-se a crítica sem fundamento e o criticismo vazio de conteúdo. A auto-crítica não deve ser formal. Não somos como certos religiosos que confessam um "pecado", rezam uma oração e partem para novos "pecados". A auto-crítica analisa o erro e procura encontrar as suas causas mais profundas. A sua superação pode demandar esforço e tempo. O controle coletivo é o melhor processo para sua solução.

A crítica e a auto-crítica devem funcionar nos dois sentidos — de cima para baixo — dos organismos superiores aos inferiores, dos dirigentes aos dirigidos e vice-versa — de baixo para cima — dos militantes aos dirigentes, dos organismos inferiores aos superiores.

No partido não há duas disciplinas, uma para os dirigentes e outra para os dirigidos. Ela é uma, quanto maior for a

responsabilidade do quadro ou militante, tanto mais impõe-se respeitá-la. Quem infringe a disciplina deve ser criticado(a).

Outra atitude contra a qual devemos estar alertas é o *carreirismo*. O Partido sempre nos educou que o maior título que possuímos é o de *militante*. Isto significa que todas as tarefas são fundamentais e vitais para alcançarmos o nosso objetivo, a vitória da revolução. O carreirista ao contrário só se preocupa em executar tarefas que lhe dêem projeção e criem condições para ocupar cargos na estrutura partidária. Sempre se considera mais importante do que o coletivo. Só suas idéias e propostas são justas e corretas. Consideram que o seu papel é sempre de serem dirigentes.

Uma correta política de quadros significa:

- ajudar os quadros que vão surgindo na sua formação revolucionária;

- dar reponsabilidade aos quadros de acordo com a sua capacidade e possibilidades;

- fazer um controle crítico e auto-crítico de sua atuação para que superem as suas debilidades e consolidem os seus aspectos positivos;

- ampliar o seu campo de visão política com discussões e fornecimento de informações e materiais de estudo sobre a realidade nacional e mundial;

- orientar o estudo individual do marxismo-leninismo e dos documentos do Partido;

- dar-lhes certa estabilidade de atuação, evitando as desnecessárias e extemporâneas transferências de funções e organismos;

- promover com critério, mas igualmente com audácia, os quadros que demonstrem qualidade e perspectivas de

desenvolvimento, principalmente os quadros de origem operária.

A formação político-ideológica dos militantes partidários fortalece o centralismo-democrático, pois torna a disciplina consciente. Lênin em sua obra "Um passo adiante, dois passos atrás" diz: "A unidade em questões de programa e em questões de tática é uma condição indispensável, mas ainda insuficiente para unificar o Partido, para centralizar o trabalho partidário". (...) "Para centralizar faz falta unidade orgânica, inconcebível em Partido (...) que não tenha estatutos aprovados, nem subordinação da minoria à maioria, nem subordinação da parte ao todo".

O centralismo-democrático, espinha dorsal da estrutura partidária, é um princípio organizativo e um dos principais elementos na formação ideológica do militante comunista. É uma das principais armas do proletariado na luta pela conquista do poder político e posteriormente para a consolidação da ditadura do proletariado. Não é por acaso que todos os que se opõem à esses objetivos da classe operária ataquem raivosamente o centralismo-democrático e tudo façam para destruí-lo.

Em nosso Partido os grupos fracionistas que surgiram procuraram em primeiro lugar romper com o centralismo para poderem propagar suas concepções anti-partido. No entanto, depararam-se com um coletivo partidário disciplinado e consciente que lhes barrou o passo e impediu-lhes dessa forma a sua prática desagregadora.

Stálin em sua obra "Questões do Leninismo", generalizando a experiência histórica do Partido Bolchevique, assim define o centralismo-democrático: "A disciplina férrea dentro do Partido é inconcebível sem a unidade de vontade, sem a

unidade de ação completa e absoluta de todos os membros do Partido. Isso não significa, naturalmente, que assim fique excluída a possibilidade de uma luta de opiniões dentro do Partido. Ao contrário, a disciplina não exclui, mas pressupõe a crítica e a luta de opiniões dentro do Partido. Nem sequer significa, com maior razão, que a disciplina deva ser "obstinada". Ao inverso, a disciplina férrea não exclui, mas pressupõe a subordinação consciente e voluntária, pois somente uma disciplina consciente pode ser uma disciplina verdadeiramente férrea. Mas, uma vez terminada a luta de opiniões, esgotada a crítica e adotado um acordo, a unidade de vontade e a unidade de ação de todos os membros do Partido é condição indispensável sem a qual não se concebe um Partido unido nem uma disciplina férrea dentro do Partido". (...) Deduz-se que a existência de frações é incompatível com a unidade do Partido e com sua disciplina férrea. E deve salientar-se ainda que a existência de frações conduz à existência de diversos centros, significa ausência de um centro geral dentro do Partido, quebra da unidade de vontade, enfraquecimento e decomposição da disciplina, enfraquecimento e decomposição da ditadura".

Na "História do Partido Comunista" (Bolchevique), afirma-se: "Para funcionar bem e dirigir as massas de acordo com um plano, o Partido deve estar organizado sobre a base do centralismo, com estatutos únicos, com uma disciplina de partido igual para todos, com um só órgão de direção à frente, a saber: o Congresso do Partido e, nos intervalos entre congresso e congresso, o Comitê Central, com a submissão da minoria à maioria, das diferentes organizações aos organismos centrais, e das organizações inferiores às superiores. Sem ajustar-se a estas condições, o Partido da classe operária não pode ser

um verdadeiro Partido nem cumprir com seus deveres de direção do proletariado”.

É baseado nesses princípios, refletidos nos Estatutos do Partido que devemos educar e formar os quadros e militantes partidários. A disciplina consciente, o espírito de Partido, são indispensáveis ao fortalecimento do centralismo-democrático e à coesão das fileiras comunistas.

VI

COMBINAR CORRETAMENTE A AÇÃO ABERTA DO PARTIDO ENTRE AS MASSAS COM A ESTRUTURA CLANDESTINA, A NECESSIDADE DO PARTIDO APARECER COM FISIONOMIA PRÓPRIA COM A DEFESA DE SEUS MILITANTES E DIRIGENTES FACE À REPRESSÃO JURÍDICO-POLICIAL. TER PRESENÇA POLÍTICA E AO MESMO TEMPO RESGUARDAR A ORGANIZAÇÃO.

Uma das características das classes dominantes brasileiras é seu profundo caráter anti-popular, o que se manifesta sobretudo contra o proletariado com a proibição da existência legal de seu Partido, o P.C. do Brasil.

Nos seus 60 anos de existência, poucos foram os momentos de vida legal do Partido. Os "donos do poder" procuram dessa forma impedir a sua atividade política aberta, a sua mais íntima ligação com as massas. A clandestinidade que o inimigo nos impõe tem dificultado, mas não impedido a nossa atividade política. Rica e valiosa é a experiência acumulada em toda a longa trajetória clandestina do Partido, particularmente a adquirida nos duros anos de fascismo. Essa experiência devemos ter em conta a fim de garantir a nossa contínua ação política, defendendo ao mesmo tempo a estrutura partidária frente aos golpes do inimigo.

Trata-se nas atuais condições políticas, de saber combinar corretamente a ação aberta no trabalho de massas com a preservação da estrutura clandestina do Partido. No presente, nossa principal forma de atuação vem sendo a legal, aberta, de massas. O Partido para cumprir com seu papel de vanguarda

atua junto às massas nas fábricas, fazendas, bairros, escolas, etc. Os comunistas dirigem igualmente entidades que congregam amplos setores da população. Assim agindo, os comunistas são propagadores de sua linha entre os amplos setores da população. Essa presença física do Partido é necessária e imprescindível.

O inimigo, porém, através de seus órgãos de informação e segurança, procura, no movimento e nas entidades de massas, identificar os membros do Partido, mapear sua organização e sua estrutura, infiltrar seus agentes. De nossa parte devemos saber utilizar métodos adequados de atuação que dificultem a ação desses órgãos.

A nossa experiência nos indica claramente que o objetivo de preservar o Partido dos golpes do inimigo pode ser atingido, se soubermos respeitar corretamente as normas de segurança da vida clandestina. As massas identificam os comunistas e o partido pelas corretas posições, propostas claras para a solução de seus problemas imediatos e futuros, bem como pela coerência política em sua ação. Nas atuais condições em que atuamos, certos dirigentes e militantes do Partido precisam atuar mais abertamente como comunistas, como propagandistas e porta-vozes de nossa linha política. A indicação desses camaradas não pode ser feita de forma aleatória ou baseada no voluntarismo. Deve ser decidida e planejada pelo organismo a que pertençam e obedecer ao plano de ação pública do Partido.

Esses camaradas servirão como fonte de referência do Partido para as massas e as forças aliadas, mas, igualmente, o serão para os órgãos de informação e repressão do inimigo. Dessa forma sua ligação orgânica com o Partido deve obedecer as normas

de segurança e controle que visem resguardar ao máximo a estrutura clandestina do Partido.

Importante questão que devemos resolver corretamente diz respeito à difusão de nossos materiais. A vida política e o despertar para a ação de amplos setores das massas exigem de nossa parte grande atividade no terreno da agitação e da propaganda. Os materiais do Partido, a sua linha e as orientações táticas específicas, precisam ser conhecidas por amplíssimos contingentes de massas. Esses materiais e diretrizes, uma vez assimilados por amplos setores do povo se materializarão em ação política concreta. Os últimos acontecimentos assim o tem comprovado.

A luta política de massas vem abrindo certos espaços que devem ser utilizados legalmente para a edição, publicação e difusão de nossa orientação. Mesmo o órgão central do Partido, "A Classe Operária", tem sido vendida com grande aceitação pela massa, embora essa prática deva ser realizada com cuidados.

Nas condições atuais devemos saber utilizar corretamente as formas legais como principais veículos de agitação e propaganda. Cursos sobre a teoria marxista-leninista, o estudo da realidade brasileira, a linha e a tática do Partido podem e devem ser feitos de forma legal, levando-se em conta a realidade de cada Estado, Município e local de atividade.

Na edição e difusão de materiais, proclamações ou manifestos do Partido, que não podem ser publicados legalmente, devemos ter em conta as condições de semi-clandestinidade em que vive o Partido. Particular cuidado devemos ter na confecção e impressão de materiais clandestinos. Não podemos confundir trabalho legal, com ilegal, prejudicando dessa forma um e outro.

A distribuição de materiais ilegais e clandestinos, sempre que necessária exige medidas de segurança que dificultem ao máximo os golpes do inimigo.

Rigorosa atenção e respeito às normas de atividade clandestina devemos dar às reuniões dos organismos partidários, em todos os níveis das OBs. ao CC, passando pelos comitês intermediários. Nesse terreno todo liberalismo poderá causar grandes prejuízos ao Partido nos momentos de maior agitação política de massas e de mais agudos choques com a reação. Em primeiro lugar a existência e composição dos organismos do Partido só devem ser conhecidos por seus membros e pelos camaradas responsáveis do órgão superior que a eles se ligam normalmente. Nenhum camarada deve explicitar a outro elemento fora do seu organismo a sua condição de militante e menos ainda a OBs, ou Comitê a que pertença e sua responsabilidade no mesmo. Em ativos e conferências deve-se manter a vigilância para não revelar segredos partidários. Em segundo lugar, as reuniões dos organismos só podem ser do conhecimento de seus membros e do elemento de ligação com o organismo superior. Os locais para reuniões devem ser seguros. Para reuniões mais importantes devem ser tomadas medidas especiais de segurança na montagem desses locais.

VII

REFORÇAR AS FINANÇAS PARTIDÁRIAS, REGULARIZAR AS CONTRIBUIÇÕES DOS MILITANTES, AMPLIAR OS CÍRCULOS DE CONTRIBUINTES.

As formas e a quantidade das finanças arrecadadas pelo Partido refletem o grau de sua organização interna e as suas ligações com a massa.

O trabalho de finanças é sempre um reflexo do trabalho político. A contribuição financeira ao Partido é um dos deveres estatutários de todo militante e a sua pontualidade demonstra de forma inequívoca o grau de seu entrosamento com o Partido. Reflete igualmente o bom ou mau funcionamento da organização em que milita.

A intensificação da atividade partidária requer, cada vez mais, a montagem de uma infra-estrutura, a profissionalização de quadros e dirigentes, a ampliação do trabalho de propaganda e de educação política dos militantes. Essas atividades, essenciais para a ampliação da presença política do Partido, exigem gastos cada vez maiores que têm de ser cobertos em boa parte pelas contribuições dos militantes e simpatizantes.

No Partido, atualmente, tem havido grande subestimação quanto a esta frente de trabalho. É bastante reduzida a arrecadação financeira em quase todos os Regionais. Não é raro encontrarmos militantes com meses de atraso em suas contribuições. Outros, embora pagando-as regularmente, não tem elevado o valor das mesmas, contribuindo com a mesma quantia de um ano ou ano e meio atrás, como se a inflação galopante que vivemos no país não atingisse os gastos partidários. Tal situação não pode

perdurar sob pena de estrangular a atividade política do Partido.

O controle da arrecadação da contribuição dos militantes, raramente, é feito com regularidade. Essa é uma das tarefas permanentes das OBs. É na OB que cada militante paga a sua contribuição e não a um "cobrador" da direção. Igualmente cabe à OB fixar o percentual da contribuição de cada militante, estudando a sua situação concreta. Nessa questão não pode haver igualitarismo, cada qual contribui de acordo com suas possibilidades.

É evidente igualmente que os gastos com a atividade partidária não podem ser cobertos totalmente apenas com a contribuição dos militantes. É preciso aplicar uma política de finanças de massas. Formar círculos de simpatizantes que contribuam regularmente ao Partido. Realizar atividades culturais e sociais que permitam arrecadar fundos para o Partido, etc. Esta forma de arrecadar finanças para o Partido amplia e fortalece a nossa ligação com as massas, aproxima e estreita os vínculos políticos com os amigos e simpatizantes. Tal atividade entretanto não pode ser considerada uma tarefa secundária, sem "importância", que é delegada a algum militante que "não se sabe o que fazer com ele". É tarefa de alta responsabilidade que exige grande disciplina, espírito de iniciativa e profundo entrosamento na vida partidária. Deve ser, igualmente, planejada coletivamente, estabelecendo-se metas e objetivos a serem atingidos que levem em conta o grau de nossa ligação com as massas e procurem novas formas que permitam ampliá-la.

As direções para poderem cumprir com todas as suas tarefas internas de acordo com as necessidades crescentes do Partido precisam apetrechar-se caso contrário, ficarão ilhadas e

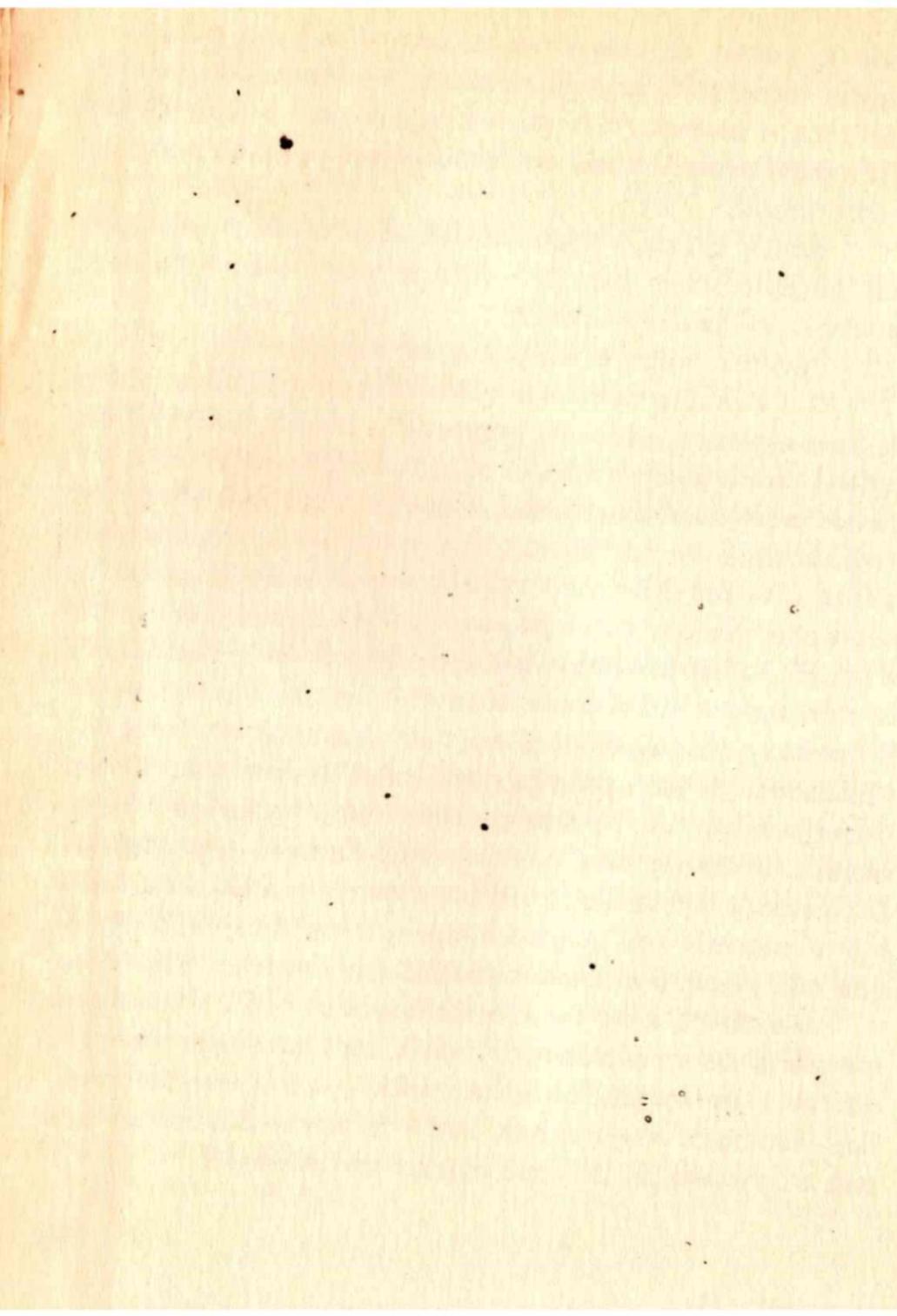
poderão perder os seus vínculos com o coletivo partidário. Montar locais para reuniões, elaborar e difundir documentos, relatórios e balanços das atividades políticas a tempo e em quantidade necessária são atividades imprescindíveis ao trabalho de direção.

Montar cursos, elaborar aulas e apostilas são hoje exigências impostergáveis para a formação dos novos militantes, quadros e dirigentes partidários.

Tudo isto importa em gastos, às vezes elevados.

Um exemplo clamoroso dos prejuízos que causam a falta de infra-estrutura vemos na impressão e distribuição do órgão central do Partido. Ainda são poucos os CRs que estão aparelhados para a sua reimpressão, o que vem ocasionando grande irregularidade na sua entrega aos militantes e simpatizantes. Vários CRs, por dificuldades financeiras, possuem aparelhos de impressão arcaicos ou de pequeno porte que permitem apenas a impressão de reduzida quantidade de materiais. Isto prejudica a divulgação dos documentos e da linha do Partido e, de certa forma, reflete ainda uma visão estreita de sua atividade e da necessidade de fazer política com as amplas massas de milhões. Os organismos do Partido precisam aparelhar-se com instrumentos modernos para o trabalho de agitação e propaganda. Os métodos artesanais só são justificáveis quando o Partido é muito pequeno, ou quando a repressão política é tão intensa que não possibilite ampla circulação de materiais partidários.

As direções do Partido em todos os níveis e o coletivo partidário devem planificar e regularizar a atividade financeira interna e de massas, compreendendo-a como atividade político-ideológica fundamental para a formação dos militantes e para a consolidação de nossa ligação com as massas.



2ª PARTE

APRECIÇÃO CRÍTICA DA ATIVIDADE DO PARTIDO, COMO ORGANIZAÇÃO, DESDE A VI CONFERÊNCIA NACIONAL

Um longo período decorreu desde a VI Conferência, período de ditadura militar e de fascismo, o que exigiu constantes e adequadas medidas para assegurar o funcionamento do Partido, defender suas organizações, seus quadros e militantes. Foi também nessa fase que se incorporaram às suas fileiras muitos elementos vindos de distintas organizações atraídos pela correta e revolucionária política do PC do Brasil. O Partido lutou igualmente, com êxito, contra fracionistas e liquidacionistas que tentaram dividí-lo e destruí-lo como organização de vanguarda da classe operária.

Cabe, aqui, fazer uma apreciação global da atividade partidária, no terreno organizativo, nessa época, destacando os principais ensinamentos e experiências.

1. O Partido cresceu e consolidou-se no período do fascismo

A firme e conseqüente batalha que o núcleo revolucionário travou dentro do Partido no período em que esteve dominado pelos revisionistas, em defesa de uma linha conseqüentemente revolucionária e do marxismo-leninismo, culminando

com a reorganização do Partido em fevereiro de 1962, teve importância capital no crescimento posterior e na consolidação do Partido.

O golpe de Estado de 1964 veio confirmar as principais teses defendidas pelo nosso Partido no período do governo de Goulart. Significou grande derrota da teoria e da prática dos revisionistas e reformistas que negavam o caminho revolucionário.

Deste modo, o partido revisionista de Prestes entrou em crise, que ainda hoje perdura. Surgiram alas e grupos em disputa aberta pela direção. A liderança de Prestes foi contestada abertamente por Marighela, Mário Alves, Apolonio de Carvalho, Jover Teles e outros que foram afastados da direção em 1967 e posteriormente expulsos. Entretanto, não parou aí a crise do partido revisionista que alcançou nova dimensão com o atual afastamento de Prestes do Comitê Central e a acirrada disputa de Giocondo Dias com outros elementos igualmente revisionistas pela direção do que sobrou desse agrupamento.

Esse processo de crise do partido revisionista iniciado com o rompimento dos marxistas-leninistas em 1962, teve continuidade por ocasião do chamado VI Congresso desse partido. Em contraposição à direção de Prestes, formaram-se internamente vários grupos que passaram a contestar a orientação política traçada e a buscar outros rumos na luta contra a ditadura. Muitos não encontraram o caminho do marxismo-leninismo, o caminho do Partido do proletariado. Não superaram a sua concepção pequeno-burguesa e saltaram de uma política direitista, reformista e revisionista, para uma posição "esquerdista", aventureira, foquista.

Nessa ocasião, aglutinando elementos egressos do partido

revisionista, e de outros setores, uma dezena de agrupamentos revolucionários pequeno-burgueses foram organizados. Todos procuravam apresentar-se como vanguarda da revolução, aderindo às mais disparatadas teses em moda na época, que convergiam num único ponto: negar a vanguarda da classe do proletariado e procurar arrastá-lo política, ideológica e organizativamente a reboque da burguesia. Apoiavam e difundiam as teses anti-proletárias de Debray, Marcuse, Althusser, Fidel, Guevara e outros. Todas essas organizações fracassaram. Isolaram-se das massas por sua política e métodos de ação aventureiros e terminaram sendo golpeadas e destruídas pelo aparelho militar repressivo da ditadura.

O nosso Partido, ao contrário, mesmo nas mais duras condições do fascismo, não só manteve a sua organização como ampliou-a e consolidou-a. Devemos compreender que tal fato foi fruto do acerto de nossa política, das táticas, métodos e formas de ação e organização que permitiram a permanente ligação com as massas, defendendo seus interesses imediatos e apontando conseqüentemente o caminho revolucionário como a única forma de libertar o nosso povo do iníquo sistema que o oprime e explora.

Mantendo e aplicando uma política revolucionária conseqüente, o nosso Partido atraíu os mais conseqüentes e combativos elementos que se opunham ao regime retrógrado implantado pelos generais. Centenas de novos militantes se incorporaram ao Partido. Segmentos do partido revisionista que romperam com a direção revisionista e a AP vieram reforçar as nossas fileiras. Dessa forma, o Partido, mesmo atuando na mais rigorosa clandestinidade que a ditadura militar e o fascismo lhe impunham, estendeu a sua organização à maioria dos Estados

do país, implantando-se solidamente em alguns Estados como São Paulo, Rio, Minas, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia, etc.

Como não podia deixar de ser, várias foram as dificuldades e deficiências que tivemos de enfrentar e superar para manter o Partido organizado e atuante nessa fase.

Em que pesem as insuficiências, o nosso Partido soube manter a sua organização atuante, ganhou o respeito e a confiança de amplos setores das massas. Isso só foi possível pela manutenção permanente de sua linha revolucionária, espírito crítico e auto-crítico desenvolvido internamente e a abnegação e firmeza revolucionária de seus quadros dirigentes e militantes.

Vencer as debilidades é parte integrante e permanente da política de organização e consolidação do Partido. O presente Congresso deve aprofundar a análise dessas questões e avançar ainda mais na sua superação.

2. Análise crítica do processo de incorporação de segmentos que se desligaram de outras organizações e da Ação Popular.

Ao se firmar como a organização de vanguarda do proletariado, o Partido atraiu para as suas fileiras não só novos militantes, mas também setores que se desprenderam de organizações revolucionárias pequeno-burguesas e do partido revisionista.

Esse fato, de certa maneira novo na história de nosso Partido, teve aspectos positivos e negativos que precisam ser sistematizados e corretamente avaliados, extraíndo-se os ensinamentos deles decorrentes.

Como vários foram os processos de incorporação, faremos a análise separada de cada um deles para facilitar a sua

discussão. Adotaremos a ordem cronológica dos mesmos.

a) A incorporação de ex-militantes das ligas camponesas.

Na corrente liderada e organizada por Francisco Julião, no início dos anos 60 surgiu um processo de diferenciação interna entre os militantes, na maioria jovens, que, compreendendo as limitações políticas e orgânicas das Ligas, aproximaram-se do Partido, pois nele viam o seu caráter revolucionário. Em fins de 1962, um grupo que era constituído por algumas dezenas de militantes rompe com a direção das ligas e começa a atuar em frente-única com o Partido em algumas regiões, principalmente Goiás e Pernambuco. Através da atuação conjunta no movimento político e nas lutas de massas, conheceram a linha e a orientação do Partido e passaram a defendê-la e aplicá-la. Os que mais se destacaram e avançaram foram sendo recrutados para o Partido. No segundo semestre de 63 esse processo estava no fundamental concluído com sua incorporação aos respectivos organismos do Partido.

A incorporação desses militantes, na época em que ocorreu, ampliou a área de atuação do Partido junto à juventude e a certos setores das massas camponesas. Nesse aspecto foi bastante positivo.

No entanto, tais elementos, na maioria esmagadora oriundos da pequena-burguesia, haviam formado, no período em que atuaram nas ligas, um arraigado espírito de grupo, que não abandonaram ao ingressar no Partido e, por este, não foi suficientemente combatido. Essa atitude grupista que mantiveram em sua atitude já como membros do Partido decorria de suas concepções pequeno-burguesas sobre o caminho revolucionário e a organização partidária.

Esses elementos aderiram ao Partido vendo nele apenas o seu espírito de organização revolucionária e a sua política de cunho anti-imperialista e democrático, sem nunca terem compreendido o seu caráter de classe, proletário, e a correta ligação da primeira com a segunda etapa da revolução.

Nessas condições não conseguiram integrar-se totalmente nas fileiras partidárias. Mantendo o espírito e a prática de grupo acabaram por tentar impor suas concepções aventureiras pequeno-burguesas de sentido foquista à prática partidária e enveredaram pelo caminho do fraccionismo. O Partido não permitiu essa atividade divisionista acabando por expulsar os seus principais articuladores.

b) A incorporação do Comitê Regional Marítimo da Guanabara

Após o golpe de 1964, uma das primeiras manifestações da divergência política no partido revisionista de Prestes deu-se entre os militantes e dirigentes do Comitê Regional Marítimo da Guanabara.

O setor dos trabalhadores marítimos tinha sido um dos mais combativos e atuantes nas lutas sindicais e nos movimentos grevistas, particularmente durante o governo do Goulart. O alto grau de organização e a combatividade dos marítimos e portuários eram, no entanto, neutralizados pela orientação reformista que prevaleceu no setor naquele período. O CR Marítimo difundia e aplicava a política reformista do PC Brasileiro e era nesse particular, um dos mais atuantes. O Golpe de Estado, derrotando e pondo por terra a política oportunista dos revisionistas, atingiu duramente os trabalhadores marítimos e portuários. Tal fato gerou revolta contra essa orientação

política que até então difundiu. Iniciou-se, então, em suas fileiras, um processo de análise crítica de sua atuação anterior. O desenvolvimento desse processo levou ao aguçamento das contradições internas entre o CR Marítimo e o CC revisionista do PCB. Na busca da solução para os vários problemas de ordem política e ideológica que estavam colocados em debate, vários militantes e dirigentes do CR Marítimo da Guanabara aproximaram-se de nosso Partido, tomaram conhecimento de nossa posição face ao reformismo e ao revisionismo, estudaram os principais documentos partidários e passaram a travar luta interna no partido revisionista em novo nível, contrapondo nossas posições às do CC revisionista. Tal processo culminou com o desligamento do CR Marítimo da Guanabara do partido revisionista e a sua incorporação às fileiras do P.C. do Brasil.

A incorporação do CR Marítimo da Guanabara ao nosso Partido significou na época grande vitória, pois era a confirmação prática de que o PC do Brasil se transformava num polo de atração de todos os que procuravam romper com a política e a prática revisionistas.

Se bem que no processo de discussão interna, no período que antecedeu à ruptura com o partido revisionista, os dirigentes e militantes do CR Marítimo tivessem tomado firme posição contra a orientação oportunista do CC do partido revisionista, estudando e difundindo os nossos materiais, faltou-lhes entretanto, uma conseqüente análise auto-crítica das suas próprias posições anteriores. As críticas ao revisionismo de Prestes e seus seguidores cingiram-se no fundamental às orientações adotadas após o golpe de Estado de 64, pouco avançou na crítica à orientação revisionista do período que antecedeu o golpe, principalmente durante o governo de Goulart.

Como não poderia deixar de ser, após a incorporação dos camaradas marítimos ao Partido, iniciou-se todo um longo processo de luta política e ideológica contra concepções erradas de muitos de seus membros, principalmente do 1º secretário, José Maria Cavalcanti. Isso contribuiu para que os verdadeiros comunistas que aí se encontravam avançassem e se integrassem totalmente à estrutura e à vida do Partido. Exemplo maior foi dado pelo camarada Luís Guilhardini, que deu sua vida na defesa do Partido e da revolução. Esse processo de luta ideológica serviu também para decantar o Partido dos elementos que, tendo rompido com os revisionistas, não fizeram revisão auto-crítica de sua prática anterior, não chegaram a se transformar em autênticos revolucionários-proletários, comunistas.

Com a crescente violência da repressão contra o nosso Partido, particularmente após o início da luta armada no Araguaia, a organização partidária teve de adotar métodos mais seguros para sua defesa. O liberalismo era um grande inimigo a combater. José Maria Cavalcanti, dirigente do CR Marítimo, foi continuamente advertido pelos métodos liberais de direção e organização que aplicava, porém jamais os corrigiu. Tais erros culminaram com a prisão de toda a direção do CR dos Marítimos e de grande parte de seus militantes. José Maria capitulou frente à repressão, tornou-se um traidor e foi expulso do Partido.

c) A incorporação dos militantes provenientes do PCBR

No processo de crise interna que vivia o partido revisionista nos anos de 66/67, Prestes decidiu convocar um Congresso que lhe permitisse derrotar os oponentes e firmar sua direção. Vários membros do CC revisionista, dirigentes de Comitês

Regionais, tentaram se unificar para derrotar Prestes e assumir a direção do partido. Esses elementos não tinham identidade política entre si. Combatiam no fundamental a direção de Prestes. Não tinham uma posição marxista-leninista. Muitos publicamente negavam a necessidade do partido do proletariado, como Carlos Marighela. Outros defendiam a formação de um partido centrista.

Dos grupos que se fomaram dentro do partido revisionista e o abandonaram, foram estruturadas várias organizações pequeno-burguesas revolucionárias, as quais tinham em comum dois pontos principais: a negação do partido do proletariado, o P.C. do Brasil, e a adesão política e ideológica ao foquismo pequeno-burguês em voga, particularmente na América Latina. As principais organizações que surgiram dos elementos egressos do partido revisionista foram: a) Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

Nosso Partido, que vinha acompanhando de perto o processo de luta interna do partido revisionista, procurou intervir no sentido de ajudar a crítica ao revisionismo, apontando com clareza o seu caráter traidor do proletariado e da revolução brasileira. Manteve contato com certos dirigentes, apontando-lhes o caminho de uma profunda auto-crítica de sua prática anterior revisionista. Este caminho seria o de ir até o fim na crítica teórica, ideológica e organizativa, sendo que este processo deveria culminar com sua adesão ao P.C. do Brasil. A maioria dos militantes do PCBR da Guanabara dele se desligaram e ingressaram no PC do Brasil.

Travava-se na época, 67/68, uma grande batalha política e ideológica no combate a todo um conjunto de concepções

falsas sobre o papel do proletariado, seu caráter de força dirigente da revolução, sua hegemonia e, em particular, a necessidade de seu Partido, seu Estado-Maior de combate. O P.C. do Brasil era o alvo principal do ataque de todas as correntes não-proletárias, reformistas, revisionistas, revolucionárias pequeno-burguesas. Ampliar e reforçar o Partido era importante passo nesse confronto. Nesse aspecto, a incorporação dos elementos do PCBR da Guanabara ao Partido foi uma vitória na luta contra o revisionismo e as correntes pequeno-burguesas.

A par dos aspectos positivos de tal incorporação ao Partido, houve também aspectos, negativos. Esses elementos, havendo desenvolvido um espírito fechado de grupo, consequência da concepção pequeno-burguesa que os orientou no processo de luta interna dentro do partido revisionista e posteriormente no PCBR, nunca se integraram totalmente no Partido. O CR da Guanabara funcionava quase como um partido à parte. Elaborava seus próprios documentos de orientação, muitos dos quais criticados pelo CC; tirava seu próprio jornal; a sua direção, em particular Jover Teles, transmitia aos camaradas da Guanabara interpretações de certos acontecimentos que divergiam da verdadeira orientação do Partido.

Tal prática revelava claramente uma falsa concepção de Partido. O espírito de grupo fechado, elitista, intelectualista, que se desenvolveu no CR da Guanabara trouxe graves prejuízos ao Partido, pois, ao não armá-los os militantes e dirigentes com a verdadeira ideologia do proletariado e a concepção marxista-leninista do mundo, permitia a disseminação de concepções liberais e idealistas sobre o Partido e uma prática individualista pequeno-burguesa. Em tais circunstâncias, era difícil ou quase impossível ao Partido na Guanabara resistir à ação

repressiva do inimigo. Grandes foram as quedas na Guanabara nos anos 72/73, centenas de militantes foram presos o que acarretou um sério golpe à organização partidária e à ação política de massas que vínhamos desenvolvendo na região, principalmente no movimento estudantil. Outras quedas ocorreram posteriormente. Em 75 é preso Armando Frutuoso que capitula e entrega grande parte dos militantes que conhecia. Com a queda de Frutuoso, outros dirigentes do CR da Guanabara são presos e alguns dos que não caíram saíram para o exterior. O Partido na região praticamente extinguiu-se. Os comunistas que escaparam da repressão passaram a atuar isoladamente. Em 76, cai Jover Teles que fracassa perante a repressão e comete o maior crime de traição ao movimento revolucionário brasileiro.

Se, porém, alguns desses elementos da Guanabara enodaram o nome do Partido, outros souberam ter comportamento digno, revolucionário, e resistiram com bravura e heroísmo às sevícias na prisão, nada delataram. Exemplo maior desse comportamento que enobrece o Partido foi dado por Linconl Bicalho Roque que defendeu com bravura o seu Partido, o PC do Brasil. Também muitos heróis da luta guerrilheira do Araguaia pertenciam à organização partidária da Guanabara. Após a VII Conferência Nacional do Partido, ao se reorganizar o CR do Partido no Estado do Rio de Janeiro, elementos remanescentes do grupo que aderiu ao Partido junto com Jover Teles tentaram dividir o nosso Partido, sendo dele expulsos.

d) A incorporação da Ação Popular

Também se incorporou ao Partido a Ação Popular. Essa organização que provinha da esquerda católica, após o golpe de 64, avançou para posições revolucionárias pequeno-burguesas e

finalmente chega ao campo marxista-leninista, com certa ajuda do nosso Partido.

Os militantes da AP vieram ao Partido após um processo longo de luta interna e de consolidação das posições marxistas-leninistas. Nesse processo a AP depurou-se dos elementos que se mantiveram em posições políticas, ideológicas e organizativas centristas e daqueles que passaram a defender posições trotsquistas.

O Partido contribuiu nesse processo de luta interna e de avanço para as corretas posições revolucionárias proletárias, inclusive com contatos diretos junto à direção da AP.

A incorporação orgânica da AP ao Partido foi o resultado do debate político e da ação comum no movimento revolucionário. Embora a diferenciação política e ideológica seja fundamental para deslindar os campos, é a prática concreta da luta revolucionária de massas que comprova concretamente a correção desta ou daquela posição. A maioria esmagadora dos militantes da AP, no processo de sua atividade política, encontrou a presença do Partido e, na atuação conjunta em frentes comuns puderam constatar a justeza das posições políticas e da prática que o Partido desenvolvia. A incorporação orgânica da AP veio portanto como consequência de um prolongado processo em que os fatores de unidade foram se consolidando. Na AP as divergências internas situaram-se principalmente quanto à correta compreensão sobre o caráter de classe do Partido e sobre a etapa revolucionária que vivemos, questões centrais do debate teórico que os marxistas-leninistas brasileiros sempre tiveram de abordar em sua luta pela construção do verdadeiro partido do proletariado contra os oportunistas e revisionistas de todos os matizes. Na AP estiveram

presentes, em sua trajetória, concepções idealistas-cristãs, trotsquistas, fidelistas, guevaristas e maoístas que procuravam arrastar a AP para formas políticas e organizativas ora reformistas, ora aventureiras e esquerdistas. Grande, evidentemente, teve de ser a luta contra as idéias e práticas incorretas que haviam penetrado na organização. Travou-se uma batalha em dois campos aparentemente divergentes mas que na prática têm demonstrado identidade. Contra as concepções trotsquistas de revolução socialista e as concepções maoístas de partido de novo tipo, partido da "terceira etapa". Essa batalha abrangente permitiu uma visão crítica do conjunto das idéias incorretas que ainda influíam na sua orientação e o combate organizado e sistematizado às mesmas.

Em 1972/73 os militantes da AP começaram a ingressar no Partido, mas a massa principal de seus membros e dirigentes se deu em 1974, num momento em que a repressão fascista tinha atingido profundamente o Partido.

Aspecto positivo da incorporação da AP foi o reforçamento político e orgânico do Partido, pelo grau de combatividade e nível político de grande número de quadros que haviam se formado nas difíceis condições de luta contra o fascismo. Esse reforço deu-se a nível regional e no Comitê Central, na reestruturação de 1975.

A incorporação dos militantes e dirigentes da Ação Popular foi a que se revelou mais correta e mais benéfica trouxe ao Partido. A análise desse processo nos permite tirar algumas experiências, tais como:

A história da evolução da AP até o marxismo-leninismo e ao Partido demonstra que, se o Partido da classe operária tem uma política revolucionária clara e uma prática conseqüente,

sua influência no movimento político real estende-se a outras organizações e serve de ponto de referência na diferenciação de posições corretas e incorretas no processo da luta de classes. Mostra igualmente toda a potencialidade do marxismo-leninismo e a força irresistível do socialismo como perspectiva de organização da sociedade.

Os marxistas-leninista, sem abdicarem de suas posições de princípios, de suas orientações estratégicas e táticas, devem estabelecer corretas relações de unidade e luta com certos agrupamentos revolucionários em formação e, dessa forma, contribuir para que os elementos mais avançados dessas organizações evoluam às posições revolucionário-proletárias e ao marxismo-leninismo.

A sistematização da experiência do Partido na incorporação de elementos e organizações durante este período nos fornece valiosos ensinamentos que devemos incorporar à nossa prática revolucionária. A análise crítica dessas incorporações nos indica que:

- a) o método correto para a assimilação pelo Partido de elementos oriundos de outros agrupamentos é o de fazer a nítida separação entre os verdadeiros revolucionários e os oportunistas à base de uma comprovação político-ideológica;
- b) esse processo deve ser feito no fundamental dentro da organização de origem. O ingresso no Partido é sempre de caráter individual. A decantação entre os revolucionários e os oportunistas permite ao Partido recrutar aqueles que realmente assimilam e aderem sinceramente ao marxismo-leninismo.
- c) essa luta interna pode ser conduzida e orientada por elementos dirigentes dessas organizações, mas devem atingir as suas bases. O combate às idéias incorretas deve ser generalizado e

não restrito a poucas pessoas ou pequeno grupo, por mais importância que tenham.

d) ao incorporar em suas fileiras militantes oriundos do processo de luta interna em outras organizações, o Partido deve contribuir para a sua mais completa assimilação à estrutura partidária. Uma vez no Partido, todos somos militantes com iguais direitos e obrigações. Os erros e incompreensões que por acaso perdurarem da prática anterior serão superadas pelo método normal da crítica e auto-crítica, da ajuda fraternal e do exemplo pessoal, de como age e atua um comunista.

3. A luta interna contra os grupos fracionistas

Na luta pela aplicação de sua linha e pela preservação de seu caráter de classe revolucionário-proletário, o Partido enfrentou, desde sua reorganização, a ação fracionista por parte de elementos instáveis que permaneciam em suas fileiras, muitos dos quais oriundos de outras organizações que se haviam incorporado ao Partido.

Existe certa analogia na formação e atuação desses grupos fracionistas. Surgiram nos momentos de aguçamento da luta de classes no país e se opuseram às corretas soluções dos problemas que o Partido representava para o avanço da revolução.

A Ala vermelha surgiu algum tempo após o golpe de Estado de 64. Passou ao ataque no período da realização da VI Conferência Nacional do Partido.

Era grave a situação política do país, criada com o golpe dos militares. Os generais no poder procuravam institucionalizar o seu regime antinacional e antipopular. Atacavam, não só

os setores populares-trabalhadores da cidade e do campo, os estudantes, como também certos setores reformistas e liberais da burguesia. Restringiam as liberdades e tratavam de isolar o proletariado e seu Partido para assim melhor golpeá-los.

Nessas circunstâncias, tratava-se, para o Partido, de estabelecer uma tática revolucionária e ampla que permitisse vincular-se às massas populares e de procurar estabelecer uma frente anti-ditatorial que abarcasse todos os setores e agrupamentos que se opunham à política dos generais no poder, tática aprovada pelo partido em sua VI Conferência Nacional, em junho de 1966.

Elementos que haviam aderido ao Partido, em sua maioria oriundos das Ligas Camponesas e liderados por Tarzan de Castro e Diniz, procuraram opor-se à resolução da VI Conferência Nacional, formulando para tal uma plataforma de caráter esquerdista pequeno-burguês. Combatiam a política de frente única, proposta pelo Partido e pregavam o foquismo como concepção da luta armada no Brasil.

Defenderam essas posições na própria VI Conferência Nacional do Partido, onde foram fragorosamente derrotados, tendo-se comprometido a acatar seu resultado. De fato, porém, não se submeteram às decisões da VI Conferência e passaram às ações divisionistas abertas.

Tentando disseminar no Partido suas erradas concepções e visando criar confusão em nossas fileiras, romperam com as normas de segurança e os princípios do centralismo democrático, estabelecendo contatos e vínculos com camaradas que atuavam em distintos organismos partidários, serviram-se de ligações extra-partidárias mantidas com diferentes elementos que com eles haviam militado nas ligas e ingressado no Partido.

Identificada essa atividade fracionista e anti-partidária o grupo de Tarzan foi advertido do erro que estava cometendo, tanto por suas posições políticas erradas, como por sua atividade anti-estatutária. O Comitê Central, visando fortalecer a unidade política e orgânica do Partido, abriu discussão no coletivo partidário sobre as erradas concepções políticas e a prática fracionista do grupo de Tarzan. Essas concepções anti-partidárias foram rechaçadas pelo coletivo partidário.

Como esses elementos se negaram a fazer auto-crítica e persistissem em sua nociva atividade, foram afastados do Partido e os seus dirigentes expulsos.

O grupo fracionista e liquidacionista de Nelson Levy, Oseas, Novaes e Delzir.

No período que antecedeu a realização da VII Conferência Nacional, alguns elementos do Partido manifestaram idéias e concepções políticas de cunho direitista, fazendo avaliações negativistas da trajetória do Partido, particularmente no período de enfrentamento do fascismo e da luta armada do Araguaia.

Aproveitando-se das dificuldades orgânicas por que passava o Partido após a queda da Lapa em dezembro de 1976 e o fato de que parte do Comitê Central encontrava-se no exterior, alguns desses elementos tentaram criar uma direção paralela de âmbito nacional para dividir o Partido. Com tal objetivo elaboraram uma plataforma política que indicavam como sendo a concepção mais profunda e correta da realidade nacional e dela decorrente apresentavam a nova tática que o Partido devia seguir, uma "tática eminentemente defensiva" como colocaram

em seu documento. Negavam o avanço das lutas populares a reativação do movimento operário, a amplitude e a força da luta democrática e declaravam que as liberdades que se estava conquistando era parte da tática do governo e só existia porque o mesmo queria.

Quanto ao Partido defendiam que não devia aparecer com fisionomia própria, o importante era fingir-se de morto, não devia publicar nem difundir materiais de propaganda e que as nossas propostas deviam sempre ser apresentadas através de entidades ou personalidades democráticas com quem tivessemos contato..

Na VII Conferência Nacional do Partido elementos comprometidos com essa orientação a defenderam como proposta viável sendo derrotados em todas suas posições. Após a conferência intensificaram o trabalho liquidacionista e fracionista.

Com a volta ao país, após a Anistia, dos principais dirigentes do Partido, esses elementos foram advertidos sobre o caminho errado que estavam trilhando. Suas posições políticas foram combatidas e desmascaradas. Ao invés de reconhecerem autocriticamente seus erros, neles persistiram e acentuaram a atividade aberta de cunho fracionista. Tornaram conhecidas as suas divergências em ataques públicos ao Partido e ao Comitê Central. Estabeleceram contatos com elementos de alguns Comitês Regionais, apoiando-se neles para difundir materiais anti-partidários e fracionista.

Na reunião de março de 1980, o Comitê Central aprovou resolução que punha a nu o caráter capitulacionista de suas teses, denunciou sua concepção liberal de Partido e faz um chamamento ao coletivo partidário para a defesa da unidade política, ideológica e organizativa do Partido.

A esse chamamento respondeu firmemente a grande maioria esmagadora dos militantes e Comitês do Partido tomando posição em defesa da linha partidária e do Comitê Central, bem como exigindo a expulsão dos fracionista.

Repudiados pelo Partido e vendo cerradas suas possibilidades de destilar concepções que procuravam travestir de marxistas, exarcebaram em seus ataques e calúnias públicas ao Partido. Desta forma, ao Partido para defender seus princípios, sua política e sua própria organização, não restou alternativa senão a de aplicar-lhes as sanções previstas nos estatutos. O Comitê Central destituiu de suas funções os principais dirigentes desse grupo, que terminaram sendo expulsos do Partido pelos Comitês Regionais que se subordinavam.

Dessas tentativas de dividir e destruir o Partido, este saiu mais fortalecido política e ideologicamente, temperou suas fileiras nessa forma de luta de classes, ampliou e fortaleceu sua estrutura orgânica e reforçou a sua unidade.

Da análise desses processos de luta interna contra grupos fracionista, podemos identificar alguns aspectos que tinham em comum, como ensinamentos e elevação da vigilância coletiva partidária:

- a) a concepção anti-leninista de Partido;
- b) o combate raivoso aos princípios do centralismo democrático;
- c) o sentido contra-revolucionário de sua ação ao tentarem desviar o Partido de seu correto caminho;
- d) o ataque à direção e a tentativa de destruição orgânica do Partido.

A defesa da unidade do Partido e da aplicação dos princípios do centralismo democrático é de responsabilidade

de todos os militantes, pois, sem essa unidade, o proletariado se vê privado de seu principal instrumento na luta pela sua libertação econômica e social, sem o seu Estado Maior nas batalhas de classe. Essa vigilância é tanto mais necessária porque o inimigo não cessa de tentar destruir o Partido tanto pela repressão como pela infiltração ou aproveitando-se da degenerescência de algum militante ou dirigente. Isso foi sobejamente comprovado no caso dos grupos que tentaram dividir e aniquilar o Partido: surgiram em momentos de viragem da situação política nacional, quando complexos problemas políticos e táticos se apresentavam ao Partido e foram resolvidos tendo por base os interesses fundamentais do proletariado, precisando ser defendidos com firmeza, flexibilidade e unidade de ação dos comunistas.

A luta interna no Partido é o reflexo da luta de classes que se trava na sociedade. Devemos sempre saber conduzi-la dentro dos princípios organizativos e políticos do Partido, os quais não permitem, em hipótese alguma, a formação de grupos ou frações.

4. Métodos de organização no período do fascismo

Apesar da violência terrorista que os militares empregaram para tentar esmagar o movimento popular e democrático, em particular os comunistas, o nosso Partido conseguiu manter-se organizado e atuante nas difíceis condições da mais negra repressão.

O primeiro ensinamento que podemos extrair é sobre a necessidade de sabermos aplicar corretamente o princípio de que a organização serve à política e deve adotar formas que

correspondam às condições objetivas existentes para, dessa forma, defender a estrutura partidária e garantir as suas condições de atuação. A experiência acumulada nestes anos nos indica que, nas condições de atuação extremamente clandestina, nos períodos de maior repressão política, o Partido para defender-se dos ataques do inimigo deve:

a) manter na mais rigorosa clandestinidade a condição de militante do Partido e a composição de seus organismos.

b) respeitar com o máximo rigor o princípio da verticalidade nas relações internas entre os organismos partidários. Este princípio é permanente na vida partidária, nas condições de maior repressão política, é fundamental na preservação orgânica do Partido. As relações horizontais quebram a disciplina, rompem com o centro único dirigente e, em caso de fracasso de um membro do Partido frente à repressão, facilitam o trabalho da polícia, possibilitando que esta atinja outros organismos e militantes.

c) guardar os segredos partidário. O militante do Partido, de base ou dirigente, só deve saber aquilo que corresponde e diz respeito à sua tarefa, pois o liberalismo nesta questão abre a organização e a estrutura partidária, facilita ao inimigo obter importante informações sobre a atividade de muitos militantes e organismos, no caso de infiltração ou capitulação na prisão.

d) estruturar os organismos com poucos elementos. Nos difíceis períodos de maior repressão não podem ultrapassar 5 membros. A inclusão de novos militantes exige a subdivisão e a manutenção da compartimentação entre eles.

e) os distritais, municipais e regionais deviam ser pequenos, ágeis e flexíveis. Em suas reuniões nem todos os seus membros participam, alguns camaradas ficavam de fora como reserva,

para permitir, em caso de golpe do inimigo, a continuidade do trabalho partidário.

f) exigir disciplina no cumprimento das tarefas, principalmente quanto a pontualidade nos encontros com os demais camaradas e dirigentes.

g) controlar a impressão e circulação de materiais partidários, necessária à difusão de nossa orientação e à formação de quadros e militantes, manter locais seguros para guardá-los evitando que os militantes circulem com os mesmos sem necessidade.

Esses métodos e normas de organização, fruto da experiência acumulada nas difíceis condições de atuação sob o fascismo, contribuíram em grande parte para a preservação e a defesa do Partido. No entanto, nem sempre foram obedecidos e aplicados. O liberalismo trouxe graves prejuízos, ocasionando prisões, assassinatos de camaradas e destruição parcial do Partido em algumas regiões. Um dos principais erros de um partido clandestino e perseguido é subestimar as forças do inimigo. Essa subestimação leva à quebra da vigilância, à frouxidão na aplicação das normas de segurança e nos expõe, desta forma, a golpes desnecessários e evitáveis.

A maioria das quedas verificou-se por desrespeito às normas de segurança e ao liberalismo, agravados pela capitulação frente ao inimigo pela traição ao Partido, como nos casos de Vergati, Roberto Martins, José Maria Cavalcanti, Frutuoso e Jover Teles que determinaram a prisão de muitos camaradas.

O Partido foi, nesse período, duramente golpeado em alguns Estados.

O Comitê Central do Partido também foi atingido pelos golpes da repressão. Vários de seus membros foram presos,

barbaramente torturados e assassinados, entre os quais Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini, Lincoln Roque. Outros tombaram valentemente na gloriosa guerrilha do Araguaia, como Maurício Grabois, Huberto Bronca, Paulo Rodrigues. E ainda outros foram assassinados na queda da Lapa: Angelo Arroyo, Pedro Pomar e João Batista Drumond. O camarada Diógenes Arruda Câmara, preso e torturado, veio a falecer por enfermidade adquirida nos cárceres. São mártires e heróis do Partido e da classe operária. O assassinato desses camaradas foi duro golpe para o Partido. Pela experiência acumulada, a dedicação integral e fidelidade sem limites ao proletariado e ao Partido, a sua substituição vem exigindo grande esforço do coletivo partidário.

As duas principais quedas que atingiram o Comitê Central, em 1972 e em 1976, deveram-se à conjugação de dois fatores: traição e liberalismo na aplicação das normas e medidas de segurança. A de 1972, teve origem na traição de um dirigente do Comitê Regional do Espírito Santo, e a de 1976 na Lapa, com a traição de Jover Teles. Mas, também, sobretudo na de 1972, as normas de segurança não foram respeitadas, o que facilitou a ação repressiva do inimigo.

Importante medida de defesa do Partido e de resguardo de sua direção foi a política adotada de manter um núcleo dirigente no exterior em condições de dar continuidade ao trabalho do Comitê Central em caso de queda que atingisse o núcleo central. Os acontecimentos da Lapa e seus desdobramentos comprovaram a justeza e a correção dessa medida. O centro dirigente que se formou no exterior foi a garantia da continuidade da orientação política e da unidade partidária. A publicação regular do órgão central do Partido, "A Classe Operária",

a elaboração e publicação de importantes documentos de orientação para atividade partidária e, por último, a convocação e realização da VII Conferência Nacional do Partido foram importantes tarefas cumpridas pela direção no exterior.

Visando a defesa do Partido, nas condições do fascismo, foram criadas em alguns Estados, duas estruturas partidárias para propiciar a continuidade da organização a atuação do Partido em caso de queda de uma delas. Os camaradas oriundos da AP conservaram-se, em geral, numa dessas estruturas. A unificação da orientação política e orgânica se fazia através da assistência do Comitê Central. Esta forma de organização comprovou a sua justeza durante o período de maior repressão. Permitiu a continuidade da ação do Partido em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Quando uma delas foi golpeada a outra continuou a atividade partidária.

No entanto, essa forma de organização só seria admitida em situações excepcionais. Com as novas condições políticas que se criavam no país e com o avanço das lutas de massas e a conquista de espaço político maior para a atividade partidária, urgia pôr fim ao sistema de duas estruturas num mesmo Estado. A VII Conferência Nacional, interpretando corretamente as novas condições de atuação do Partido, tomou, a seguinte decisão: "Recomenda-se extinguir, através de um processo paulatino, as duas estruturas partidárias em cada cidade ou Estado, criadas no período da repressão mais dura, fundindo-as numa só estrutura". Essa fusão foi acatada e aplicada em Minas e no Rio de Janeiro, só encontrando resistência na direção da Estrutura I de São Paulo, pois seus dirigentes já estavam comprometidos com o trabalho fracionista. Queriam utilizar a Estrutura I como organismo à parte da organização partidária

centralizada para melhor aplicar sua orientação oportunista e desagregadora. O Comitê Central foi obrigado a intervir nesse organismo, dissolvendo-o de acordo com os Estatutos, depois de integrar no CR de São Paulo, os elementos que permaneceram fiéis ao Partido.

A experiência das duas estruturas apresentou aspectos positivos e também negativos. Não pode nem deve ser transformada em norma aplicável sempre que surgirem situações políticas difíceis.

6. O comportamento dos comunistas nas prisões e nos tribunais

O período que decorre do golpe de 64 até o presente é, sem dúvida em todos os terrenos, o mais difícil para o Partido e ao mesmo tempo o mais rico em ensinamentos. Nesses embates houve atitudes heróicas, exemplos edificantes do que é ser um revolucionário proletário, um verdadeiro comunista. Mas houve também concessões ao inimigo e mesmo capitulação daqueles que não souberam honrar o título de membros do Partido e traíram a causa da revolução.

A análise crítica do comportamento dos comunistas na prisão e nos tribunais da reação é importante elemento para a educação ideológica da presente e das futuras gerações de membros do Partido. A prisão é sempre possível na vida dos revolucionários. A polícia e os cárceres, como os definiu Marx são principais instrumentos de apoio ao aparelho de Estado nas sociedades divididas em classes antagônicas.

Os militares no poder, aplicando a chamada "doutrina de segurança nacional", transformaram o banditismo e o terro-

rismo contra seus opositores na garantia principal de seu domínio.

Milhares de comunistas passaram pelos cárceres da ditadura militar fascista. Nosso Partido teve cerca de 70 quadros assassinados, 11 dos quais do Comitê Central. Além dos que tombaram combatendo no Araguaia, vários camaradas morreram sob tortura, defendendo os segredos do Partido. Honraram sua condição de comunistas.

Membros do Partido, militantes e dirigentes, enfrentaram com firmeza e dignidade revolucionária as mais atrozes e bárbaras torturas, não fornecendo ao inimigo uma única informação que lhe pudesse ser útil. Muitos dos que sobreviveram às torturas deram mostras de sua têmpera bolchevique perante os seus algozes nos tribunais fascistas. Por cima daqueles que os pretendiam julgar, condenaram em alto e bom som a farsa a que estavam sendo submetidos, marcaram perante a história a verdadeira face do regime que oprimia o povo brasileiro, o regime fascista, entreguista, antinacional e antipopular. Destacamos como exemplos dignos de serem seguidos na prisão e nos tribunais o comportamento dos camaradas Diógenes Arruda Câmara e José Duarte, entre outros. Destacamos também a bravura nos interrogatórios fascistas dos camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Bicalho.

Para armar política e ideologicamente os membros do Partido em caso de prisão, o Comitê Central editou o documento "A Prisão se Enfrenta com Firmeza e Coragem", que permanece justo e atual. A orientação básica desse documento se norteia pelo princípio de que não se deve dar nenhuma informação ao inimigo, de que é preciso ter uma posição politicamente firme, não capitular, não aceitar a teoria da reação de

que, ao ser preso, a "guerra acabou", pois a luta continua de forma mais radical e feroz nas prisões e nos tribunais.

Essa orientação do Partido muito ajudou aos comunistas na difícil prova por que passaram ao serem presos. Agindo corretamente, venceram essas duras batalhas e saíram das prisões mais fortalecidos política e ideologicamente.

O comportamento na prisão não se esgota na fase dos interrogatórios e da tortura. Ele deve ser considerado ao longo do tempo em que o camarada esteve preso e também pelo seu comportamento nos tribunais. Camaradas que não tiveram exemplar comportamento na primeira fase, sem contudo cometer graves erros, fizeram auto-crítica das suas vacilações, adotaram durante o julgamento nos tribunais e no período de prisão uma atitude de comunistas, não confraternizaram com carcereiros e algozes e nem com os traidores e agentes do inimigo que atuavam entre os prisioneiros políticos. Essa auto-crítica corretamente avaliada, e o julgamento criterioso dos erros cometidos devolveu a muitos camaradas o direito de ostentarem o título de membros do Partido.

Na avaliação de cada caso devemos tomar por base os princípios políticos e ideológicos que orientam a formação de um comunista, fazer uma apreciação sempre coletiva, comparar com outras experiências e tomar decisão consultando sempre a organização superior.

Nesses julgamentos o Partido tem levado em conta as conseqüências reais do erro cometido, a prática e a disposição de auto-crítica do camarada, sua posição no Partido, o grau de conhecimento da orientação para o comportamento

na prisão e as circunstâncias em que deu ou confirmou uma informação ou adotou posições políticas prejudiciais ao Partido.

Camaradas

Estas experiências vividas pelo Partido nos anos de maior repressão política são importante patrimônio que comprovam a justeza de nossa política organizativa e precisam ser estudadas e assimiladas pelo conjunto de dirigentes e militantes. Particularmente os que ingressaram no Partido nos últimos anos e necessitam estar preparados para saber atuar em quaisquer circunstâncias, de relativa liberdade ou sob o terrorismo policial militar.

